

# A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração  
AVENIDA RANGEL PESTANA N.º 251  
(Antiga Ladeira do Carmo, 9)

ASSINATURAS:  
Numero avulso \$200 Semestre \$300  
Ano 105000 Pacote: 12 exemplares 25000

Toda correspondência, vales e registros  
devem ser endereçados à Caixa Postal, 195  
S. Paulo — Brasil

## Os martires de Chicago e o 1.º de Maio

Mais uma vez transcorre essa data fatídica e gloriosa, simbolo da epopéia estupenda e grandiosa da luta entre oprimidos e opressores, simbolo da feróz e sangrenta Iniquidade das classes dominantes, simbolo do corajoso heroísmo dos Spartacus de todos os tempos que, num impeto de energia e com admirável desapego à vida tombaram heroicamente, assassinados pelos chacais da burguesia, na conquista dos mais nobres ideais de liberdade e emancipação.

Com essa jornada que passa registra-se mais uma pagina lugubre de ignomias, de perfídias, de perseguições, de angustias, de miséria e de fome; é mais um capítulo indelevel e tenebroso de luto, de odio, de sangue e de morte, de crimes hediondos, de torpezas infamantes, de choques tremendos, de anclias affitivas e de arrancos titanicos e sangrentos, que se acrescenta na historia cruclante e dolorosa do proletariado escravizado sob o jugo implacavel de uma opulencia despótica que representa o Estado, fator insofismavel da desigualdade social, consequencia da propriedade privada, do salarato, do militarismo e da exploração; expoente máximo da autoridade e da tirania; fonte inexaurível de mazelas e de ruínas, de medonhas hecatombes, de monstruosas carnificinas, de exterminios fratricidas e de barbaridades, de atrocidades e selvagerias inauditas e inimagináveis.

Que o 1.º de Maio não é um dia festa, como querem os mistificadores do mundo, mas sim, um dia essencialmente de protestos e rebelião; que o 1.º de Maio é a data de nossas afirmações de consciencia e de nossas aspirações de justiça, em face da tirania reinante; que o 1.º de Maio, foi uma jornada de agitação pelas mais justas reivindicações proletárias e que, neste dia, em 1887, foi proclamada a greve geral, nos Estados Unidos, pela redução das horas de cativoiro nas galés capitalistas; que o 1.º de Maio gravou, na memoria, a lembrança impercível desse empolgante acontecimento e que a tragédia monstruosa de Chicago, se liga diretamente à origem grandiosa das agitações desencadeadas nesta data; que o 1.º de Maio, em suma, foi o preludio de um livro ensanguentado onde se desenrola a mais revoltante e execranda ignominia jurídica, que teve por epilogo a condenação à morte de cinco modernos Spartacus porque ousaram anunciar, aos torturados famintos, o advento de uma Nova Era de liberdade, de amor, de trabalho e de justiça, porque tiveram a coragem de afirmar, em plenas bocuechas hipócritas de seus algózes, que o só ideal da Anarquia é o centro em torno do qual gravitam todas as aspirações humanas — tudo isso, sabe-se.

Sabe-se outrossim, que o 1.º de Maio representa todo o sofrimento humano que vem de remotos tempos, em consequencia de um dominio nefasto de oprobrio e de vergonha que todavia perdura e que se resume, em síntese, numa série interminavel de crimes, successão ininterupta de infamias e numa accumulção incessante de monstruosidades, que se estende, simultaneamente, pelo orbe, como um lençol de morte e um vasto sadario de dor e de lagrimas. Sabe-se, igualmente, que é a historia tragica e heroica da humanidade sofredora em luta cruenta contra os detentores da riqueza social; a historia milenaria, cheia de lances heroicos e derradeiras tentativas de libertação, atropeladas em sangue, de inumeras gerações que passaram algemadas, arrastadas, espinhadas e agonizantes, sob o tacão da tirania e da prepotencia, através das idades e que continuamente se repete.

Ontem, foram os Martires de Chicago que, estoicamente, subiram ao patibulo; hoje, são entregues aos varrazcos, os Sacco e Vanzetti; os Schirrus, os Van der Lubbe e outros que não se doberem; amanhã, mais abnegados pioneiros e paladinos da Verdade e da justiça tombarão varrados pelo chumbo assassino de reação fascista.

Não é possível saber-se, até quando perdurará essa iniquidade social mantida pelo chanfalho e pelas balas das ditaduras de todos os feitios e matizes, que se alastram pelo globo e de que, os escravocratas de todos os paises, num reciproco apoio, se servem como método de organização e de combate, para conter a onda revolucionaria que, impávida, se avoluma e avança. Mas, o que é certo, porém, é que a Verdade não se sufoca, é que a chama purificadora de Revolta não se extingue, é que os ideais de Redenção, jamais se refreiam na sua marcha indomavel, no seu avanço incontido e prodigioso, na sua evolução continua, no seu desenvolvimento progressivo e perene, apesar de todos os instrumentos de exter-

(Continua na 2.ª pagina)

**ESTE NUMERO DE "A PLEBE" SAÍ COMO EDIÇÃO ESPECIAL EM COMEMORAÇÃO AO 1.º DE MAIO**

## A tendencia humana para a liberdade

A liberdade é a excelsa manifestação da Natureza; por ela é que existem as mais variadas e complexas combinações da energia cósmica, dando vida e expansão ao infinitamente pequeno, como ao infinitamente grande; por ela é que sobrevivem as especies e se conservam as sociedades humanas. Desde o microorganismo do Infusorio até ao complexo organismo do homem, tudo é manifestação de liberdade.

Que lei ou dogma estabelece que as flores exalem embriagante perfume e as peles dos animais apresentem desenhos encantadores? Qual é o código que determina e assinala rumo às ondas sonoras que sintram o espaço em todas as direções e à energia electrica que derrama copiosos feixes de luz e de calor por todos os ambitos do Universo? Qual é o tratado de

jurisprudencia que regulamenta as grandes associações dos animais e os obriga a viverem em reciproco entendimentos para mais facilmente sobreviverem na luta pela existencia? A que ordem jurídica se deve o respeito mutuo entre os indigenas que vivem aglomerados no interior da floresta? A que especie de legislação obedece a presente convulsão humana que ameaça destruir os principios basicos da sociedade, jurídica e religiosamente organizada?

Em toda e qualquer manifestação de vida, por infima que seja sua expressão, o principio de liberdade é o fator preponderante. As instituições históricas, fundamentadas no principio da autoridade, seja este religioso, jurídico ou politico, decatem ou se timo da humanidade é refratario a toda e qualquer organização autoritaria. A mentalidade humana, embora sujeita às prescrições barbaras e absurdas de uma estúpida e convencional civilização de cinco mil anos, nem por isso está moldada e petrificada. O respeito às instituições históricas é mais aparente de que real. A não ser assim, como se explica as diversas fases da história? As instituições religiosas, assim como as politicas, jurídicas e economicas, a cada milênio da história, se transformam ou decatem definitivamente. Não ha fórmula politica ou religiosa que prevaleça inalteravelmente através da história. Em todas as épocas houve reformas e transformações de volta. Isso indica que o cérebro humano não se amolda nem aguenta passivamente as condições de vida legadas por seus antepassados; quer viver de acordo com o seu modo de ver e apreciar as coisas; nunca como pensaram e viveram os ascendentes. Daí que os governantes contemporaneos, em vista da formal desobediencia do povo a tudo quanto é arcaico e retrogrado, se vejam na necessidade, — para conservar seus interesses criados, — de manietar e inventar os mais variados sistemas de compressão individual e colectiva. O regime tiranico e barbaro — o fascismo — que atualmente se manifesta em diversas partes do mundo, é a prova mais eloquente e convincente de que o povo não tem o minimo respeito à lei e muito menos à moral dogmatica das instituições religiosas.

O pensamento agita o cérebro do homem de tal fôrma que já não se conforma com nada que não seja produto de sua época. Despreza o passado; vê o presente. Rompe os últimos anéis da corrente que o amarrava ao tronco do passado e proclama, bem alto, o direito à existencia. Quer ser livre; quer ser feliz; outro objetivo não o move na vida.

A liberdade e a felicidade são conceitos que se exprimem separadamente por conveniencia de exposição; mas nunca porque sejam concepções diferentes; pois, não se compreende de como pôde haver felicidade onde não haja liberdade. Ambos conceitos possuem um centro comum de irradiação. Ambos partem do mesmo ponto, e formando um só corpo cruzam a existencia. Daí não concebemos que haja felicidade, mesmo restrita, dentro de um sistema social que tenha como base o principio da autoridade.

A maquinaria do actual organismo social que usa como principal lubrificante o dinheiro, não pôde, de forma alguma, afirmar-se, porque a função especifica do dinheiro é regularizar uma situação puramente convencional, mas nunca um fator de equilibrio social. Ainda mais: na procura do dinheiro, o homem vê-se obrigado a empregar o melhor de suas energias físicas e intellectuais. Resulta dessa carreira o descuido pelas coisas que lhe são mais caras na vida: a liberdade. Torna-se um escravo do dinheiro. Na sua frente vê só o valor da moeda e esquece-se de que seus semelhantes são homens como ele e que possuem o mesmo direito à vida. Haverá quem afirme o contrario e tratará de demonstrar que o dinheiro é um veículo de felicidade; mas é insupremavel e indemonstravel de que, as pai-

(Continua na 2.ª pagina)



Meus irmãos proletários, este dia  
Faz de susto tremer a burguesia  
De todo mundo, em toda a vasta terra,  
Que num gesto de medo e de pavor  
Vai pelo mundo semeando a dor,  
A miséria e o crime, o luto e a Guerra.

De seus crimes horrendos, sanguinários,  
Tem receio que nós, os proletários,  
Lhe vamos pedir contas algum dia;  
Receia ver as turbas despertadas  
E ouvir o galopar das cavalgadas  
Do ideal, da liberdade, da Anarquia!

Embriagando as massas de prazer,  
A canalha dourada quer fazer  
Dum protesto um motivo de alegria;  
E assim lavar as mãos ensanguentadas  
Nas vidas proletárias, arrancadas  
Ao sol da liberdade e da anarquia!

1.º DE MAIO

Procuram iludir, com vis enganos,  
Os burgueses zelhosos e tiranos,  
A' foice, ao camartelo, á enxada e ao malho;  
Julgando ver no obrairo vil laçao,  
Chamam ao dia 1.º de Maio,  
De propósito, a Festa do Trabalho.

Repudiais esse insulto, proletários!  
Respondi aos tiranos salafrários  
Cruzando os vossos braços neste dia.  
E nesse gesto de protesto forte,  
Conquistemos a vida dando a morte  
A' misérias sociais da tirania!

Calando ao som da "Internacional",  
Irmãos no abraço fraternal,  
Proclamemos a nossa redenção;  
Saudando o Sol de Maio que ha de vir,  
Marchemos á conquista do Porvir,  
Fazendo os funerais da escravidão.

# Luísa Michel

O passado não conseguiu ainda ofuscar extraordinária personalidade de Luísa Michel. Se a morte pôde aniquilar a mulher não extinguiu a influência espiritual da "boa Luísa", a revolucionária tão querida do povo, da anarquista que deu toda uma vida, e a tornou valiosa, numa luta esforcada e constante contra as tiranias.

Evoca-se Luísa Michel das horas agitadas, mas nunca se fala do seu nascimento, da sua existência, de qualquer das suas particularidades — Luísa Michel é figura que assombra a multidão, uma alma que carinhosamente embala o espírito e que de todas as tutelas se quer libertar.

Ao generoso caráter de Luísa Michel horrorizavam os dominadores, toda a expressão social e pessoal da autoridade. Na sua juventude acalentou ideias de fraternização e, ao mesmo tempo que ensinava a ler as crianças do bairro parisiense de Batignolles, habituado por operários, absorvia-se na pregação de revolta contra o brutal jugo napoleônico do segundo império.

As conjuras contra o desgraçado e mutil abocerrage napoleônico tiveram em Luísa Michel uma anfitriã e persistente cooperadora. Depois, continuou na luta por ideias de liberdade, não discernindo os homens da república dos homens do império; todos eram brutais dominadores.

Não teve limites o seu ardente proselitismo. Odiava a autoridade e poder, a propriedade, e amava os oprimidos, os trabalhadores, os fracos. E confundia estes dois sentimentos contrários na febril propaganda do ideal libertário. Escreve artigos, faz discursos, vai onde pode atirar à multidão o seu apelo vibrante e rebelde.

O seu heroísmo foi formidável. Durante a resistência heroica da Comuna, combateu nas barricadas, sendo uma vez ferida, mas voltando depressa à luta. Foi combatente e foi enfermeira, pois cuidou acrisoladamente dos que caíam feridos. Vencida a Comuna, Luísa Michel emigrou, voltando, porém, ao saber de acusações que formulavam contra sua mãe, para desafiar os juizes a que a condenassem, a si; e quando os juizes lavraram sentença atirando-a para o degredo, Luísa gritou: — "Apenas! Sois covardes, covardes que não tem a coragem de mandar que me assassinem!"

Noves anos decorreram Luísa Michel no presidio. Veiu uma tardia amnistia, e a incansável revolucionária voltou à sua propaganda, reencetou a sua ação aguerida. A polícia perseguia-a sempre, e algumas vezes a arremessou para o carcere.

Uma vez cooperou na forçada distribuição de pão aos desempregados, durante a ano de 1883. O seu chamamento foi admirável: — "O pão será só para vós!" Condenada a seis anos de carcere, por haver cometido este grandioso ato, Luísa Michel foi outra vez anistiada, três anos depois.

No primeiro de Maio de 1891, em Viena da Austria, para onde emigrara por saber que a policia francesa queria interná-la num manicómio, Luísa Michel, com outros anarquistas austriacos impeliu aos seus lugares inumeros operários textos que os patrões haviam reduzido à miséria:

— "Tomai todo isto, que é vossa. Pertencem-vos os tecidos, que haveis fabricado. Recuperai o que vos roubaram!"

Voltou, enfim, à França. E no Havre, quando falava aos operários, um fanático desfechou-lhe varios tiros. Perigosamente ferida, ainda teve forças para defender o agressor do risco de violento castigo que os operários lhe queriam infligir. E defende-o depois, perante os juizes, numa soberba e arrojada afirmação do seu ideal.

Luísa Michel também desenvolveu um intenso esforço mental. Além dos seus artigos escreveu novelas e poesias, um livro sobre a Comuna e as suas Memórias.

Morreu em Marselha, surpreendido numa digressão de propaganda. Contava então 71 anos — formosa idade de proselitista — pois nasceu em Troyes, no ano de 1813. A sua morte foi devesa sentida pelo operariado de todos os países. Por sua morte, foi dirigido ao povo de Paris o seguinte manifesto:

de abnegação e de heroísmo, foi uma figura excepcional, honrando a humanidade. Nesta época de decomposição social, de desenfreado comodismo, de egoísmo que não poupa os novos à greagem, Luísa Michel atinge os 70 anos com a aureola de ardente evangelizadora da emancipação social. Ela encarnou e sublimou todo o Belo Humano: a generosidade, a bravura, a abnegação tudo realizado pela mais nobre simplicidade. Durante o império, ainda muito nova, foi a educadora desvelada dos filhos do povo e o seu nobre coração acarinhava sempre os desgraçados. Professora diplomada, pôde começar a compreender como as alegrias dos ricos são tantas vezes ligadas às desventuras dos pobres. E colocou-se a par dos lutadores contra o cesarismo, querendo destruí-lo, idealizando uma sociedade melhor.

Nas horas sombrias de 1870-71, Luísa Michel foi enfermeira nas ambulâncias, dos feridos sem ter o receio da metralha, e quando a reação versalhesa quis estrangular Paris, empunhou a espingarda e combateu nos fortes de Issy e de Moulinsaux, e nas barricadas, em defesa do direito social e da liberdade. Quando os fusiladores vitoriosos fizeram de Paris um enorme campo de carnagem, podia essa mulher valente fugir, como outros o fizeram; sabendo, porém, que sua mãe fora presa como réfuga, logo se apresentou à prisão. Esbofetou os juizes, nos conselhos de guerra, com as suas respostas cheias de coragem e dignidade.

Ao funeral de Luísa Michel assistiram duzentas mil pessoas. Admirável solidariedade do povo! E' que Luísa Michel fora, e continuou sendo na posteridade, um inextinguível exemplo de idealismo e de fortaleza. Envergadura gigantesca de revolucionária — personalidade como outra não é possível formar-se ante a cobardia do nosso tempo, ante a banalidade e ausência de celebração de tantos supostos prosélitos de um novo mundo...

## Os martires de Chicago e o 1.º de Maio

(Conclusão da 1.ª pagina)

minio disponíveis de que lançam mão os aventureiros do poder, obstinados na sua obra nefanda e na sua sanha feroz e sanguinaria de querer prolongar a agonia de um regime falido e que, mercê de injeções de vitalidade fictícia, estrebucha entre os extertores e as convulsões da morte.

Quanto mais a violencia se accentua, mais intenso se reacende no animo das massas oprimidas, o proposito da luta generosa. Baldados foram os crimes perpetrados pelo capitalismo ganancioso e usurpador; baldados serão os esforços enviados pelos seus lacaios reacionarios para sufocar a idéa triunfante.

Após quasi meio século que se consumou a tragédia de Chicago, a voz estrangulada dos martires, e os verdugos da opulencia julgavam ter abafado para sempre, repercute, hoje, em todos os corações dos que sofrem e os seus ideais nobres de paz e solidariedade, que a tirania dos potentados tentou esmagar e conspurcar com o crime, mais do que nunca, encaminham-se para a sua realização. E' o que se denota, com visão clara, no momento solene que atravessamos, em que o mundo todo se agita, num tumultuar vibrante de revoluções, rompendo grilhetas, desmantelando tronos, desmoronando imperios, ruindo igrejas e destruindo, enfim, todas as velharias milenarias, incompatíveis com o progresso e com as exigencias da época.

Ao decorrer esta data lutuosa e inolvidavel, — pagina gloriosa e heroica na historia proletaria, onde fulguram os gestos sublimes e as palavras causticas, incisivas e imortais dos nossos heróis; ao relembrar essa cruzada bendita — marco intangivel dessa grandiosa epopeia libertaria que nos levará à emancipação integral pelas gerações vindouras — a nós, ó mensageiros da Anarquia. Em alto a frente e os corações! e com os olhos fitos no porvir, confiantes na vitória e no advento da Nova Era, entoaemos, cheios de entusiasmo e esperança, a nossa canção de guerra. Que este 1.º de Maio, qual prenuncio desse futuro radiante, marque o inicio da batalha decisiva — a Revolução Social — e que a attitude energica e varonil deste núcleo de bravos que, com desprendimento e soberano desprezo pela vida soberaram sacrificaram-se em holocausto à causa dos humildes, nos sirvam de estímulo e

As diversas "idéas" sociais, com os seus disparatados e carnavalescos matizes, que se anham em determinados grupos de indivíduos, politicamente organizados, não podem ser, de forma alguma, as mesmas idéas por que se alimentam os pensadores que passam a sua vida entre as grandes coletividades trabalhadoras.

A deturpação dos vocabulos mala puros é comum, não só entre os literatos snobistas, como entre os aproveitadores da politica, quando crises accentuadas se pronunciam.

E' sobejamente sabido que "foram os socialistas que empocalharam a palavra SOCIALISMO, misturando-a ás suas intrigas vis do parlamentarismo".

O rotulo de socialismo, para os politiquellos da burguesia decadente, nada mais é do que um astucioso ardil, afim de iludir e arrastar o proletariado nas emaranhadas e traiçoelas curvas do labirinto capitalista, através a pomposa farça do sufragio universal.

Embora o proletariado já conheça de sóbra o socialismo aos socialistas-parlamentares, nós, que somos contra a toda e qualquer autoridade moral, social ou politica, as mesmas idéas libertarias vão "evangelizando os trabalhadores, para que eles vejam em cada trabalhador um irmão, nascease embora aquém ou além fronteiras. Irmãos na miséria, torturados pelos mesmos sofrimentos, curvados à mesma canga, têm identicos interesses a defender, o mesmo ideal a constituir. O seu inimigo é o que lhe explora as forças a tróco dum magro salario, — é essa entidade barriguda das fabricas e dos campos: o PATRÃO".

E a nossa luta contra o patrão, não é, como muitos julgam, uma simples questão de interesses economicos. Não! O nosso objetivo é outro, e bem diverso. Lutamos contra o patrão, não só para suavizar, minorar, as torpes explorações com que ele nos sujeita, como, também, as nossas flexas são dirigidas contra o patrão, principalmente por ser ele o pericentrico onde se irradiam todos os horrores que sofre a humanidade: é ele, o patrão, com o seu dinheiro, que mantém essa chusma de jornalistas e escritores que fazem o florilegio, o panegirico, a apologia do sistema social que suportamos, é ele, o patrão, quem maneja, a seu talento, a toga da magistratura; é ele, o patrão, quem dirige os titulares do Ministerio do Trabalho, afim de acorrentar, de escravizar, de nullificar, sob a cauduxia e capenga sindicalização de classes, o proletariado que anseia a posse e a liberdade de todo o sistema social; é ele, o patrão, quem levanta esses enjomes e opulentos templos onde corvejam esses melandros em derredor da carnega humana: — os padres.

O patrão, arresta consigo mesmo, a propria miséria do sistema capitalista.

(Do livro "Verdades Sociais", de J. Carlos Bóscolo).

incentivo nos momentos de tibieza e nos valham como um exemplo edificante de coragem e abnegação, equizando não desaparecer da superficie terrestre o ultimo vestigio de autoridade e da opressão.

Para a frente! Precursores e pioneiros da Liberdade — e com firmeza de caráter, retidão de espirito, convicção inabalavel pela mesma causa, identificados pelos mesmos principios, limitemos, resolutos e ativos, nossos irmãos da heroica Espanha Revolucionaria de hoje: Rumo ao Comunismo Libertario!

"Hoje ninguém já duvida de que a anarquia virá e viverá em toda a sua pujança, tão ampla e majestosamente tal a concreberam os nossos martires, pulsando em vibrações inumeras na alma oceanica e dinamica da humanidade redimida.

E só então se extinguirá, para todo o sempre, esse clamor crescente que surge, inexoravel, por entre as ossadas de tantas victimas e que da boca escancarada de inumeros supplicios anónimos, se confunde entre os lamentos e os gemidos dilacerantes dos flagelados que passam, onde se distingue, cada vez mais nitida e retumbante, a palavra santa: Justiça!

Justiça! Justiça!

E a Justiça já indica o seu dedo transformante porque o sentimento inextinguível...

Campinas — Abril, 934.

VIRGILIO PESSANO.



# Problemas da liberdade

Os antigos mitos do despotismo politico e do absolutismo religioso voltam a ocupar seus antigos postos e, num esforço supremo, procuram impedir, a todo custo, a marcha e o despertar dos povos através da sua ascensão vertiginosa, a caminho da liberdade. "Considerava-se a democracia uma conquista definitiva da humanidade, e acreditava-se ser ela o caminho que nos deveria conduzir através da evolução ao progresso infinito.

Nunca, nem um só momento, alimentamos esta ilusão e a história nos colocou diante dos nossos olhos a prova mais cabal da instabilidade, da insuficiência e da incerteza da democracia.

As conquistas democraticas não tem outras garantias a não ser a vontade do povo em defender as suas liberdades; desaparecendo essa vontade o regime democrático estará à mercê de qualquer aventureiro que oferecer aos grandes financistas maiores vantagens e mais garantia da sua estabilização. E' o intuito de conservação que leva os monopolizadores da riqueza social à procura de métodos violentos para solucionar a sua situação de incerteza, de insegurança, de temores e de preocupações, depositando sua confiança na força brutal em defesa de suas posições de privilegiados, para satisfazer suas ambições e salvaguardar os seus interesses.

Reparem-nos deste modo os ditadores como uma praga; como uma maldição ou como uma penitência para o povo, em toda parte do mundo.

A classe trabalhadora sofre, neste momento os erros da sua negligencia da sua incompreensão e da sua indiferença para com o problema da liberdade.

Inútil seria lamentar-nos. Apenas pretendemos demonstrar que o regime de privilégios não encontra outra solução para o difícil problema a não ser os antigos métodos de violencia e da arbitrariedade.

A história, porém, se encarrega de nos

## A tendencia humana para a liberdade

(Conclusão da 1.ª pagina)

xões humanas desbordam por causa desse fetiche.

As cadeias e os hospitais estão abarrotados de victimas que imaginam encontrar a felicidade rendendo igualdade; "dormir" o dia ría poderol culto ao metal carimbado. A desigualdade social, com todo seu cortejo de misérias e crimes; as guerras, que em menos de nada produzem milhares de victimas, sacrificando, em holocausto a "patria", a fina flor da juventude, são também produto da concorrência que os homens se fazem na luta pelo dinheiro. Enfim; como atribuir ao ditame principio de ordem social e de harmonia humana quando se sabe positivamente da influencia perniciosa que exerce no solo da sociedade? E' de illusos ou de pedantes sustentar a tese de que o dinheiro é um fator de equilibrio social. Ele é a ruína moral da humanidade.

O egoísmo humano descamba para o terreno puramente individual porque o sistema monetario oferece perspectivas de acumulo de capital. Este acumulo de capital, importa, para quem o amontoa, um grau relativo de felicidade. Logo, a felicidade e o bem-estar individual está na razão directa do monte de capital armazenado. Quer isto dizer, que quanto mais quantidade de dinheiro juntar mais feliz será. Ora, como o dinheiro não é fruto de uma planta que se cultiva em qualquer quintal, resulta que quanto mais se acumula por um lado maior escassez haverá por outro. Daí que a felicidade de um importe na infelicidade dos demais. E' mal comum ouvir-se, entre o povo, este proverbio que bem retrata o estado atual da sociedade baseada na especulação do capital: vales tanto quanto tens. Por aí pode-se calcular o estado de mentalidade humana suelta à mesquinha especulação monetaria.

A liberdade e a felicidade são méras abstrações que formulamos para manifestarmos a nossa incompatibilidade com o meio social em que vivemos. Na realidade, tudo o que se produz na Natureza é fenomenal; nada está determinado; nada está legislado; — tudo é obra de sucessivas reacções químicas.

Assim como o indivíduo é homem e produto de multipias associações de pura organicismo que se unem por afinidade, por simples atracção natural, as grandes aglomerações humanas, que não são nenhuma excepção

demonstrar que o regime da violencia e do terror pode dominar por um certo periodo historico, segundo o grau de cultura e de compreensão da liberdade por parte do povo; mas não pode, em absoluto, se afirmar ou se estabilizar definitivamente, de forma alguma. Pelo terror e pela força não se consolidaram os velhos regimes que acabaram desmoronando. Os mais odiosos governos que procuraram fundar seus alicerces pelo terror, pela força ou pela violencia foram varridos pelo vendaval da revolução salvadora. O regime da força e da violencia poderá servir para favorecer o roubo e enriquecer uma minoria de indivíduos, facilitando momentaneamente as operações financeiras, comerciais e industriais dos exploradores do povo, mas nunca para solucionar o problema social. A revolução pela força não é solução porque não pode contar com a adesão voluntaria do povo que trabalha. Os ditadores são sempre, sobre qualquer aspecto que se nos apresentem, os defensores dos privilégios contra o mundo dos explorados dos desherdados, dos famintos.

A única solução dos variados problemas politicos, economicos e sociais que agitam o mundo e o mantem em permanente guerra social, o que não permite a harmonia, encontra-se no problema da liberdade. O dia em que seja compreendido isto pelas grandes massas populares, o dia em que os trabalhadores, a classe mais numerosa de victimas da presente estrutura social se aperceberem que seu porvir está indissoluvelmente ligado ao conceito da liberdade, procurarão destruir esse monstruoso edificio que procura soluções pela força e pela violencia, parto das preocupações dos adversarios da luz, da justiça, da felicidade humana e da liberdade.

Será um novo mundo que surge não obstante as trevas da hora que passa, não obstante a melancolia do momento, não obstante a supremacia da violencia sobre a razão, e esse mundo terá na liberdade os seus principios, e na Anarquia sua verdade.

Pelo caminho da violencia não se chegará se não à violencia, à miséria e à tirania. As ditaduras aumentarão as penurias da humanidade, e esta deverá raciocinar e averdorar para a solidariedade. Assim foi, assim é, assim será.

As ditaduras brancas ou vermelhas serão logicamente impotentes e acabarão envolvidas nas contradicções, pelo desespero da sua propria natureza: somente o que se edifica sobre a liberdade, apenas o que se constrói sobre ela, em idéias e em fatos, perdurará, será duradouro e fecundo. O cavalo de Attila esteriliza a herva que come, porém a liberdade será criadora, fonte de vida, fecundadora do trabalho, da riqueza, de prosperidade e da confiança. E' nosso dever, neste momento, reagir, por todos os meios e com todas as nossas forças de homens conscientes, contra os visionarios fascistas, integralistas ou comunistas que pretendem solucionar o problema social pela força pelo terror, pela violencia, pela iniquidade do privilegio.

Seremos assim homens dignos do porvir e não instrumentos de barbarismo.

Francisco Cianci.

À regra, também são efeito da mesma causa; pois as partículas individuais que integram essas aglomerações são chamadas a colaborar em comum porque a existencia de uma explicação é a supervivencia da outra. A associação é produto do individuo; assim como o individuo é produto da associação.

Partindo deste principio de que os seres se unem por afinidade e em comum repartem as agruras e os prazeres da vida, cabe-nos salientar, que poder algum, por melhor organizado que estiver, nunca corresponderá aos anseios e aos sentimentos de bem-estar que almeja o conglomerado humano. O mal que pôde fazer um Estado autoritario é destruir esse principio de solidariedade natural que é a chave da supervivencia das espécies e colocar um sistema de vida artificial de sorte a prejudicar miseravelmente a boa marcha das relações de convivencia social. O Estado atual da organização social é uma amostra flagrante da incompatibilidade do regime autoritario com a tendencia libertaria da humanidade.

A desordem, a tirania e a libertinagem, são frutos de regimes autoritarios.

A ordem, a paz e a solidariedade universal são predicações de um regime de ampla e ilimitada liberdade.

A liberdade e a felicidade são absonos de harmonia social.

Ela, pois, pela liberdade intercal.

M. GARCIA.

### Como se enriquece em regime capitalista

— Como assim? — perguntou o marido, sorrindo. — É uma trivialidade o dizer que o mundo está cheio de injustiças e misérias, e que a estas se pode dar remédio?

A esta pergunta respondeu a senhora com uma das suas costumadas piruetas miúdas, que era fugir à questão saltando para outra.

— Mas porque — perguntou ela com suavidade — não levias em conta todo o que se faz em favor dos pobres, todo o dinheiro que se gasta em esmolas, hospitais e muitas outras coisas? Quem te ouvir, ha de cuidar que tudo isso nada é...

— Mas, minha querida, eu falei de injustiça, e a injustiça não se remedia com a caridade, ainda que admitíssemos que esta basta para aliviar toques os males. E bem vês que não basta, que é como um regato perdido num deserto de areia. A caridade pressupõe o mal, isto é, a pobreza, o abandono: é, pois, a causa do mal que é preciso suprimir e esta causa é a injustiça.

— Mas qual injustiça? — perguntou a esposa, com sincero desejo de compreender.

— Já to disse, uma injustiça patente. É que a riqueza, que é toda produzida pelo trabalho, em vez de ser equitativamente distribuída pelos trabalhadores que a produzem, acumula-se em poucas mãos, nas quais se detém e se multiplica, formando na sociedade uma classe privilegiada que dispõe de todos os meios de subsistência da maioria, e em si perpetua a facilidade de se enriquecer, de se instruir e de gozar, enquanto todos os outros permanecem forçosamente pobres e ignorantes.

A esposa esteve por um instante a meditar e acabou por dizer:

— Não percebo — E ajuntou: — Então a riqueza não se adquire com o trabalho?

— Com o trabalho dos outros, queres dizer?

— Com o trabalho dos outros?... Então o nosso vizinho Ferrer, por exemplo, que é rico, não trabalhou para enriquecer? Não sabes que foi pedreiro? — Pois, minha filha, esse começou a enriquecer precisamente quando deixou de ser pedreiro para tomar empreitadas, nas quais outros trabalhavam por conta dele. Se tivéssemos continuado a trabalhar como os seus companheiros, nunca teria enriquecido.

— Em todo caso continuo a trabalhar: fiz cálculos, dirigiu... que sei eu? mexeu-se, aplicou a sua inteligência.

— E parece-te que os três ou quatro milhões que juntou, com os quais poderiam viver duzentas famílias, são uma paga justamente proporcionada ao trabalho de cálculo e direção por ele feito? E que é justo que centenas de trabalhadores, que concorreram para a formação da sua riqueza, e sem os quais ele nada poderia ter feito, tenham recebido apenas com que ir aguentando a custo, labutando dez horas por dia arruinando a saúde e arriscando a vida para acabar num hospital? Parece-te: justa a repartição?

— Mas então, na tua opinião, todas as riquezas são mal adquiridas?

— Perante a lei, não; perante o direito natural, sim.

— Nesse caso foi também mal adquirido o dinheiro de meu pai?

— Perdão: teu pai nem sequer o adquiriu. Herdou-o.

— Bom, herdou-o; mas então foi mal adquirido o de meu avô, que o ganhou exercendo a advocacia. Porventura também ele o ganhou com o trabalho dos outros?

— Aparentemente, não. Mas se ele pôde, como advogado, juntar bens, foi graças à existência duma classe privilegiada, que estava em condições de lhe pagar conforme a utilidade social do seu trabalho, precisamente por ela própria ter injustamente enriquecido. De modo que, no fundo, vem a dar na mesma. Vai até às origens de qualquer riqueza pessoal e ali encontrarás sempre a injustiça.

EDMUNDO DE AMICIS

### BRINDE DE "A PLEBE"

Pelo 1.º e 2.º premio da Loteria Federal de hoje, serão sorteados, respectivamente, a fruteira artística e o tinteiro de cristal. Consideramos vendidos todos os números até hoje não devolvidos.

### RETIFICAÇÃO

Na notícia do festival da Federação Operária, publicada na última página, saiu, por engano dia 31, em vez de 30 de Abril.

# Problemas imediatos

Por GIGI DAMIANI

Eu creio que a não vontade revolucionária do partido comunista, mais talvez do que nas circulares e nos manifestos, se deve procurar nos atos e na prática imposta aos militantes e simpatizantes, em toda a parte, pelos funcionarios desse partido fiel executor das ordens do governo de Moscou o qual é, de fato, o verdadeiro e unico dirigente da III Internacional.

Circulares, manifestos, artigos de jornais, verborragia de oradores que repetem sempre as mesmas frases (luta de classes, ação de massas, guerra imperialista) as costumeiras frases e inventivas contra os que são de parecer contrario, poderiam dizer, por calculo ou por estratégia, uma coisa bem diversa daquela que se vai cumprindo ou que se tem intenção de cumprir. Os fatos, porém, são fatos e, especialmente quando constituem uma recidivencia continuada, não admitem outra interpretação que aquela que eles mesmos documentam.

Óra, nós vemos que, em toda a parte, a ação pratica do partido comunista persegue obstinadamente um unico fim: sabotar toda a possibilidade de ação revolucionaria, não só de conquista, mas até de defesa, tornando impossível toda a Intencionalidade revolucionaria sobre um terreno comum por um escopo embora relativo, mas que interessasse todas as forças revolucionarias e sempre insusceptível de maior desenvolvimento. E quanto mais o partido comunista, isto é, os seus funcionarios se abraçam para sustentar o mito da unidade, mais a sua ação se desenvolve no sentido de tornar irrealizável, impossível até, aquele minimo de unidade viável para fins e interesses comuns e imediatos.

Ha quem explique tal procedimento, desastroso e insensato, com o setarismo e o totalitarismo proprio de um movimento autoritario tanto ou mais do que o fascismo; proprio de fanaticos e fanatizados que tem um dogma a impôr e não consciencias a libertar. Mas a explicação, por mais fundamentada que tenha, não é suficiente, por si só, para justificar a razão de continuidade de tanta insensatez e de tão bestial procedimento, porque a frente dos fanaticos ha homens intelligentissimos e astutos. Portanto, a razão do fanatismo e do totalitarismo deve haver uma outra determinante surgida por um interesse recondito, inconfessável, mas capital, ao qual o partido é obrigado a servir sem avaliar os erros e os horrores que comete.

Todos tinhamos esperanças na revolução russa e esta revolução tudo teria a ganhar com a expansão do movimento revolucionario em todos os países, mesmo depois de haver sido monopolizada, digamos mesmo disvirtuada, pela minoria bolchevista, pelos que exercem a ditadura sobre o proletariado. A melhor defesa que poderia e que pôde armar em torno de si mesma a república soviética — ou do defuncto soviético — não poderia e não pôde ser outra senão a que corresponda a uma fortissima cinta de situação revolucionaria. Logicamente a ação do governo russo deveria consistir em provocar, auxiliar a constituição de um tal estado de coisas revolucionaria, ainda que cada povo fizesse a propria e não a sua revolução. E, aparentemente, a III Internacional, dentro da qual está o governo russo, trabalha em tal sentido. Aparentemente, porque na realidade toda a sua ação se resolve em impedir que cada povo faça a propria revolução e em fracionar, dividir toda e qualquer resistencia coletiva, estabelecida por uma coincidência de interesses, na, agora mais do que nunca, universal investida reacionaria.

Fanatismo, totalitarismo, setarismo, consequencias monopolizadoras de uma pratica politica iminentemente autoritaria? Sim: tudo quanto quizerdes; mas deve haver alguma coisa mais; e procura-la é um dever, mesmo para salvar o que resta da revolução russa.

E essa outra coisa que talvez exista, que, a meu parecer, existe, precisamos procura-la naquilo que se chama desenvolvimento nacionalista da revolução russa monopolizada pelos bolchevistas: desenvolvimento fatal, inevitavel quando uma revolução se suicida no Estado e, de fator de liberdade, se transforma em instrumento de opressão, dando vida e defesa a todo o que é negação do direito e da liberdade: a ditadura, seja de um homem, de uma elite de partido. A Rússia mais ou menos socialista, mais ou menos ou nada soviética — estou curioso por saber onde liam parar os membros de um

soviético que omittassem criticar o governo central, ou desaprovar o que devem votar — a Rússia de hoje age e move sobre um terreno nacionalista, tal e qual a de ontem, tanto quanto as republicas e reinos que ainda sobrevivem. A III Internacional, que dela depende, não é senão u'a massa de manobra exterior, ao serviço de um nacionalismo, o qual tendo necessidade que os outros nacionalismos, ou melhor, as outras nações, o deixem tranquilo em sua propria casa e o tratem sobre o terreno da paridade politica e comercial, move e agita o proletariado internacional convertido ao bolchevismo, mais como força do que como pressão revolucionaria, no sentido de enfraquecer a estabilidade dos governos que lhe são hostis. E, naturalmente, sem que esta disfarçada ação internacional lhe possa impedir de estabelecer contactos impuros e fazer alianças monstruosas.

Eu não creio que por um ato de fôlha ou por pouco caso, a ação dos comunistas, na França, em seis de fevereiro, tenha coincido com a dos camelots du roi e outras fações fascistas. Moscou sabe aquilo que quer e o que quer, hoje, não é a revolução social. E não é tampouco a defesa desesperada, que não quis ainda ha pouco na Alemanha, mesmo quando o proletariado comunista alemão esperava com ansia a ordem de lutar, que hoje insulta, soltando fôl e veneno sobre os socialistas austriacos que, se andaram mal, souberam ao menos morrer.

O motivo a que acima me refiro e que, a meu parecer, é uma realidade demonstravel e documentavel, consiste no fato de ser a república socialista russa um Estado que quer defender-se e impor-se enfraquecendo os outros Estados em que domina o capitalismo parcelado e não o de Estado, mas dos quais não deseja a destruição porque tem interesse que esse capitalismo sobreviva ainda. Como é mais de um cento, de mil, de uma milhão de capitalistas, o capitalista

unico tem necessidade de comprar e, sobretudo, de vender. Na Europa, proxima à revolução social para a realização de formas diferentes de socialismo, era preciso começar por dar uma relativa liberdade que os dominadores de Moscou julgam perigosa para... o povo russo. Os ditadores do proletariado não são fanaticos são homens bastante expertos. Sabem o que querem hoje. E' preciso, porém, que reflitam no que os pôde esperar amanhã. Um grande histrião, um grande, imenso, megalomano como Mussolini pôde permitir-se ao luxo de não pensar, mesmo fascisticamente, de não importar-se. Esse tornou-se, sobretudo pela imbecilidade de outros, uma figura politica internacionalmente importante; e seu nome está gravado nas paginas da História, ofuscando o de Erosstar e para elle... tudo está conseguido.

Mes os ditadores do povo russo não são histriões; os slavs tanto no bem como no mal, creem na santidade daquilo que fazem, e eles pelo amor proprio que tem à propria obra devem considerar que quando a Europa for toda fascista, e o será muito em breve auxiliando-a, esses terão que lamentar, não só a sua não vontade revolucionaria de hoje mas até os corrompidos governos democraticos. — Porque os diversos fascismos, que hoje se auxiliam uns aos outros com dinheiro, homens e armas, farão, uma vez implantados no dominio de cada nação, tudo quanto seja possível para manter em alto a moral das proprias milicias. — Principalmnte quando surgir o momento critico em que as paradas e reuniões não forem já suficientes para manter em alto a moral, diminuído-se os valores dos combões.

Lutario entre eles? E' mais que certo: o fascismo tendo necessidade de uma concepção mística para dar força moral à chibata e à gaxa exagerou o misticismo nacionalista e cada um desses fascismos prometeu aos proprios seguidores o imperio do mundo. Mas é probabilissimo que antes de bater-se entre si se ponham de acordo para fazer a tal guerra imperialista contra a Rússia dos Sovietes, da qual os funcionarios de Moscou hoje fazem quatorze vezes por semana como de um fato imminente, mais que a defesa da futura liberdade ou a conquista de mais ampla liberdade.

Será tarde, depois, para lamentar a sabotagem de uma frente unica de ação anti-fascista, fora dos partidos, realmente fora dos partidos, das suas intrigas, das suas vaidades, das suas insidias, dos seus mercados e do seu setarismo.



GIGI DAMIANI, tendo nos braços uma criança dos seus ansiosos de anarquia.

# Previsão do mundo

PERIGO DE HEGEMONIA DA RUSSIA

Especial para "A PLEBE"

Ha tempos alguns camaradas anarquistas, da velha guarda, que se passaram para o campo comunista, na melhor das intenções, talvez pensando mais de pressa poder chegar à finalidade da conquista do "pão para todos" convidaram-me para eu, também, ingressar para o partido, entrando por uma das celulas vestibulares — o "Socorro Verdadeiro" — disse a essas camaradas, do meu ponto de vista pessoal: — de um possível erro em que incorressemos ao utilizarmos-nos da Rússia para servir ao interesse de todas as nossas questões, como simbolo ou como uma divisa sagrada.

Poderíamos fazer obra puramente proletaria sem nos orientarmos pela Rússia; pois, ao que se sabe, a Rússia não satisfizera os ideais plenos de liberdade para os seus operarios. Demais a mais, na Rússia, vigora, ainda, após dezessete annos de governo "proletario", o sistema de troca dos produtos pelo dinheiro.

Mais tarde o camarada Oiticica fez uma bellissima exp. tica pública sobre o assunto, escarregando muito a questão. Vi, então, que as minhas dúvidas não eram destituídas de fundamento.

Os camaradas comunistas, entretanto, não querem concordar com o que parece mais logico: aos que se batem pela causa dos trabalhadores: Devemos fazer obra exclusivamente proletaria ao invés de fazer propaganda nacionalista.

Quero insistir no meu ponto de vista pessoal: A minha previsão do mundo, pelo que observe — das manobras politicas da Rússia, e em os seus tratados até com o Vaticano, seus preparativos militares, convencendo o seu povo, inerme, da necessidade de se preparar militarmente e se armar até ao extremo, com os mais engenhosos processos e maquinarias de guerra, para mim, anarquista desde a meus verdes annos de mocidade, é que a Rússia, com essa idéica "proletaria", não obedece a outro es-

copo que o de futuramente exercer a sua hegemonia sobre os demais países.

Ou mesmo, querim sabe, se o ardor patriótico dos estadistas russos, na sua extrema ambição nacionalista, não os leve a um plano de fazer prevalecer o povo russo sobre os demais povos?

Nós sabemos de que processos se valem os governantes atuais para infiltrar no animo do povo ignôro e humilde as idéias que lhes convem, criando uma mentalidade e mesmo uma psicologia coletiva favoravel aos mais audaciosos planos de ambição.

Sabemos, igualmente, de quanto são capazes os patrioteiros convencidos de que o mundo deve permanecer retalhado e nominado conforme as conveniencias do capitalismo.

Sabemos como eles procuram dividir os povos, divirtuando o amor que se sente pelo país onde se nasce.

Ora, considerando tudo isso, não pôde haver o perigo de que os comunistas (Continua no 6.º pg.)

### Eugen Relgis e o pacifismo

Eugen Relgis nasceu na Romania. Poeta, critico literário, romanista e sociologo, de 1914 para cá publicou dezesseis obras de varios assuntos. Mas o que mais nos interessa na sua intensa atividade mental é a ação vigorosa do propagandista do Pacifismo e seu empenho e esforço pela Declaração da Independência do espirito e a organização com Romain Rolland e outros, da Internacional das Intelectuais, paralelamente ao lado da Internacional dos trabalhadores e proletarios.

No apelo aos intelectuais livres e aos trabalhadores esclarecidos, ele disse: "O humanitarismo, não é hoje uma simples expressão verbal, vagamente idealista; resume sim as tendencias ao progresso da humanidade inteira. O humanitarismo intuitivo e moral, preconizado pelas velhas religiões, tomou, ao sopro da ciencia moderna, amplitudes e claridades, que o tornam acessível tanto a quem obedece à voz do coração, quanto aos que seguem os imperativos da razão... O humanitarismo é a expressão sintética de todas as realidades materiais e espirituais que constituem a evolução da humanidade."

Respondendo a algumas objeções feitas por Romain Rolland, Relgis explicou que humanitarismo é um vocabulo que pôde ser adoptado por todas as linguas. Comparando o Humanitarismo do Bio-cosmismo de Manier, diz: "O humanitarismo é uma etapa para a solidariedade universal consciente." O bio-cosmismo estende a solidariedade, de um modo mais amplo, a todos os fenomenos da vida, — não só aos seres vivos inferiores, como aos sistemas solares. Os homens de ciencia colocam, assim, o humanitarismo no quadro natural do entendimento.

Pierre Larousse, no seu dicionário definiu: "Humanitarismo é um sistema filosofico, doutrinado por aqueles que põem acima de todas as coisas o interesse da Humanidade. A Enciclopedia anarquista, de Sebastião Faure, incluiu um artigo de Eugen Relgis sobre o assunto. Na Internacional pacifista e em recente publicação Eugen-Relgis explica os principios humanitaristas, de modo completo e explicito, e começa dizendo: "Sou homem! tal será nossa resposta, segundo nossa propria consciencia, a todos os que nos perguntarem qual é nossa nacionalidade, qual nossa crença ou a que Estado pertencemos. E esta resposta significa que sou o produto da evolução biologica; que existo em mim o macaco, o reptil, a planta e o mineral. Sei tambem que devo desenvolver em mim minha humanidade, engrandecida pelos esforços das gerações desaparecidas; que devo conservar a cultura e a civilização herdada e aperfeiçoá-las tanto quanto esteja ao meu alcance, pois prevejo o porvir, contemplando o passado e humanizando-me a mim mesmo, como se constituísse para meus descendentes um novo gráu na escala do progresso."

Humanidade quer dizer harmonia dos contrastes. Que nos sirva de exemplo o dualismo da natureza do qual decorre a harmonia inteira. Matéria e espirito? Espiritualizemos a matéria. Individuo e multidão? Personalizemos a multidão. Arte e trabalho bruto? Embelezemos o esforço criador. Religião e ciência? Levemos a fé para a verdade. Proletariado e capitalismo? Socializemos os meios de produção. Barbaria e cultura? Civilizemos os povos. Deus e igreja? Divinizemos os homens.

O Pacifismo é o eixo do Humanitarismo. Diz Relgis que seu destino e sua origem nos persuadem do pacifismo do homem. A sociabilidade primordial dos seus antepassados simioscos e a anatomia do corpo humano demonstram que o homem primitivo não tinha outras armas mais do que a solidariedade numerica e sua intelligencia. O eixo entrou no coração humano em consequência da multiplicação das guerras.

O segundo eixo do humanitarismo é o internacionalismo.

O preceito da consciencia — Não matarás significa o respeito à vida, a todas as vidas, e fica ligado às aspirações afetivas do coração: A paz esteja convosco; que significa fraternidade e harmonia nos interesses dos povos livres.

FABIO LUZ

(Trecho de uma palestra realizada no Centro anti-clerical do Rio de Janeiro)

### "A Lanterna"

Pedem-nos os companheiros de "A Lanterna" informar aos interessados que o numero 377 do jornal que deveria aparecer em 3 do corrente, em virtude de circunstancia de força maior, será publicado no dia 17.

# A sociedade dos livres

Utopia até ontem; até ontem aspiração solitária de sonhadores, de poetas, de filósofos generosos a anarquia não encontrou, na sua anulação, nem diferença nem colera.

O antigo regime, inabalável, olhou com desprezo os novos alquimistas que á procura de liberdade acreditavam na divina harmonia da fraternidade e do amor.

A liberdade está na espada, diziam os nobres; está na fé, diziam os sacerdotes; consiste na dimensão monogâmica dos burgueses, e da quietude inócua loureira todos se compadeciam, em coro, piedosamente.

\*\*\*

Quando da fantástica cidade de Sol, das regiões longínquas da Icaria, das falanges disciplinadas a utopia desentrou e invadindo o velho continente, se confundiu entre o das aspirações comuns, humanizando-se e temperando-se nas chamas da dor universal sob o martelo das realizações quotidianas e na refrega contra os privilégios de classe chamou os sofrendores, os párias, os explorados as vítimas de todas as injustiças, de todas as misérias, de todas as tiranias, os sacerdotes, os nobres e os burgueses, tornados a si do pavor e do desânimo não vacillaram.

A utopia inocente de que se haviam rido se traduzia, agora, em uma terrível ameaça: a canalha que havia tomado a Bastilha, decapitado o rei, sancionando a declaração dos Direitos do Homem rugia novos anátemas contra a propriedade privada, contra a Família, contra o Estado e contra a ordem.

A Santa Aliança renovada seguiram-se novos massacres inutilmente.

\*\*\*

Crismados, noi levantamos mais paros. Hipócritas e pusillanimes, os mistificadores profissionais acharam perigoso jogar na loteria revolucionária a sorte da sua popularidade e... tomaram juízo.

Não nos conhecem, não tem nada de comum conosco, são prudentes e bons cidadãos e, quando discorrem sobre revolução e emancipação o fazem por burla; ao proletariado inculto, quasi selvagem, éses querem cortar as unhas da brutalidade impulsiva e gritam das suas tribunas libelos pusillanimes de renegação e abjuração, leilãoando o preço das suas vantagens e, recolhendo os lucros, passam-se para lá com armas e bagagens.

\*\*\*

Assim são todos contra nós: juizes, sacerdotes, esbirros e soldados, monarquicos, republicanos e socialistas, em nome da justiça de deus, da patria, da ordem, dos poderes publicos, de hoje de amanhã e depois; contra nós atiraram a cruzada santa do exterminio. E nós estamos sós... sós o povo.

\*\*\*

Desprezados de todos os vinculos de aliança e solidariedade com a parte de bem, a nossa acção redobrou logo de intensidade, de firmeza, de energia espontânea e corajosa ao ponto de podermos constatar que, com orgulho, algumas



**LUIGI GALLEANI** — Jornalista ferocemente de anarquia, lírico do pensamento, á sua obra de proselitismo passou além das fronteiras, tornando-se uma figura internacional. Falcou há pouco.

dezenas de anos a esta parte, a cada período de violenta reacção estatal-burguesa corresponde um ato de rebelião anárquica que, restabelecendo o equilíbrio, veda a reacção de consolidar-se.

Não repetiremos aqui as efemeridas de fatos universalmente notáveis; recordaremos somente que quando Crispi limpou ao país o estado de sítio e os seus mirros de Lorraine, Paolo Lega lhe recordou que o povo de Italia não se adaptava á albarda; que quando Carnot exigia do parlamento republicano leis sceleradas de proscrição, Caserio advertiu não se poder governar retornando ao passado; que quando Casan-

vas del Castillo quer ressuscitar na Espanha, a Inquisição e a tortura, Angiolilo impediu que alcançasse o seu infeliz intento; que Umberto desentou em Mezza os fugitivos de Milão e McKinley, em Buffalo, os massacrados de Harleton.

O povo, que tem no índex a fanfarronice dos charlatães que na hora da borrasca se encolhem e negam, quando se desanuncia a repressão, quais traidores como Barrabaz e malfeitores aos companheiros corajosos da vespera que consideram perigosos; o povo que da verdade de uma ideia e da sinceridade dos seus apóstolos julga e pesa com a infalível balança da abnegação e do desinteresse, o povo vem a nós e conosco fica no odio contra todas as mentiras convencionais, contra todas as formas de tirania, de exploração e de opressão; o povo será conosco na hora suprema das reivindicações.

\*\*\*

E assim como sabe que liberdade e governo, são contraditórios, sabe também que são antagonistas outros dois termos: patronato e independência económica, porque a experiência histórica e quotidiana lhe ensinam que desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, sob qualquer forma de propriedade, *patrão* foi sempre sinónimo de explorador, de parasita.

Para demolir é bastante; e nós não esquecemos que, condição inelutável a reconstruir e a renovar, deve a revolução social integrar-se de um longo e desapidado período de destruição e de demolição.

Se tivermos conosco o povo na obra da demolição, tê-lo-hemos conosco, iconoclasta, terrível, sem escrúpulos, sem prejuizos, sem medo, na obra serena da reconstrução como colaborador infatigável e entusiasta, porque verá então, sob a carícia franca do abraço fraternal, surgir, fascinante e irresistível, a cidade dos livres, a Atlantida da felicidade. E a Anarquia será um fato.

Luigi Galleani

## O apolo mutuo

Sendo o apoio mutuo em fator necessário para a conservação, florescimento e desenvolvimento progressivo



**PEDRO KROPOTKINE** — É tão grande a sua figura na ciência e na filosofia que pretender defini-lo não é tarefa para pigmeus. É uma das colunas mais potentes do grande edificio do Porvir. De uma fecundidade prodigiosa, destacam-se dentro as suas numerosas obras: "Apolo Mutuo", "Ciência Moderna e Anarquismo", "Campos, Fabricas e Officinas", "O Estado", "Nos prisões", "A conquista do pão", "O Anarquismo" e "Ética", esta ultima lançada porque a morte o surpreendeu quando a estava terminando. Além disso, o seu trabalho jornalístico é vasto e daria grandes volumes.

de cada especie, se converte no que Darwin qualificou de instinto permanente (a permanent instinct), proprio de todos os animais communicativos, entre os quais é preciso contar naturalmente o homem.

Revelando-se desde o inicio no desabrochar da vida animal não cabe duvida que este instinto, como o maternal, está profundamente arraigado em todos os animais inferiores e superiores e ainda mais, pois se encontra até nas especies cujo instinto maternal se pode pôr em duvida como em certos insectos e alguns peixes.

Porisso teve Darwin multissima razão ao afirmar que o instinto da "mutua simpatia" se manifesta nos animais communicativos de uma forma mais continua que o instinto puramente "guista da propria conservação".

Nesse instinto via Darwin, como é sabido, o rudimento da consciência moral, coisa que esquecem com frequência os darwinistas.

Isto porém, não é tudo. Nesse sentido reside o principio dos sentimentos que impulsionam os animais ao auxilio mutuo e que são o ponto de partida de todos os sentimentos.

Sobre esta base se desabrochou o sentimento, já mais elevado, da justiça e da igualdade e mais tarde o que conhecemos com o nome de espirito de sacrificio.

Ao ver como dezenas de milhares de aves marinhas chegam em grandes bandos, desde o sul longeuo, para construir os seus ninhos nos pedregais das costas do oceano glacial e ali se instalam sem querelar-se pelos melhores sitios; como bandos de pelicanos vivem na costa e sabem repartir-se entre si as zonas de pesca; como milhares de especies de passaros e de mamiferos sabem pôr-se de accordo para repartir entre si as zonas de caça ou alimentação, o preparo para os ninhos ou o albergue para a noite; ao ver, por fim, como um passaro jovem ao carregar no bico algumas palhas de um ninho alheio é castigado por esse fato por outros passaros da sua propria especie, podemos constatar na vida dos animais sociais os principios de um certo desenvolvimento no sentimento da igualdade de direitos e da justiça.

P. Kropotkine.

## Pietro Gori



**PIETRO GORI** — Quem, dos idealistas, não conhece este maravilhoso poeta da Anarquia? O seu hino 1.º de Maio é cantado, hoje, em todas as linguas e por todos os que anseiam por um Mundo Novo.

## O PRIMEIRO DE MAIO

Original italiano de Pedro Gori, para ser cantado com o ar da ópera da obra "Nabuco de Nacor", de Verdi.

Vem, ó Maio, saudam-te os povos, em ti colhem viril confiança, vem trazer-nos cereja branca, vem ó Maio trazer-nos dias novos!

Vibre o hino de esperanças aladas ao grão, verde que o fruto madura, á capina onde a messe futura já floriu sobre as negras queimaduras!

Deserta, ó falanges de escravos, da layoga, da negra officina; em momento de tregua á faxina, O' abelhas, robadas dos favos! (Bis)

Levaremos as mãos doloridas, e formemos um feixe fecundo; nós queremos remir este mundo dos senhores da terra e das vidas!

Sofrimentos, Ideias, juventudes, Primaveraes de turbido arcano, verde Maio do genero humano, dai coragem aos animos rodes!

Explorai o rebelde caído, com olhos fixos o nascente, ao oitavo que luta fremente, ao poeta gentil, evadido.

"Eu creio que chepará tempo em que sobre as ruínas da corrupção se levantará a esplendorosa manhã do mundo emancipado, livre de todas as maldades, de todas os monstruosos anacronismos de nossa época e de todas as nozias caducas instituições."

PEARSONS

"Não combato individualmente os capitalistas; combato o sistema que lhes dá o privilegio."

"Meu mais ardente desejo é que os trabalhadores saibam quem são os seus inimigos e quem os seus amigos."

ENGELS

## Eliseu Reclus

Não há, talvez, exemplo de uma vida tão fecunda e tão integra como a de Eliseu Reclus. A exuberância prodigiosa da sua personalidade, verdadeiro manancial de fulgurações sublimes, manifestou-se nos mais variados ramos da atividade humana, mareando, em todos eles um lugar de inconfundível destaque. Foi homem de ciência dos mais notáveis, foi artista como poucos, foi bom como ninguém.

A vida de Eliseu Reclus, embora agitada, constituiu uma realização perfeita, sinta da harmonia entre o pensamento e a ação. Apesar de o pai, que era pas-



**ELISEU RECLUS** — O que foi Reclus, como homem, como sabio e como idealista, diz-se a nota biográfica que hoje publicamos. Uma figura que a ele se compara no conhecimento e no labor fecundo, Max-Motien, escreveu sobre ele dois grossos volumes, citados nesta crônica.

tor protestante, lhe ter ministrado uma educação profundamente religiosa, a sua consciência limpida cedo se libertou de todos os dogmas e preconceitos. Muito novo ainda, distinguu-se pelo amor á liberdade e pelo entusiasmo com que abraçou as ideias republicanas. Lutou contra a proclamação do império napoleónico em 1851, o que o obrigou a expatriar-se para escapar ás perseguições.

Iniciou então o ciclo das suas grandes viagens, percorrendo os pontos principais da Inglaterra, América do Norte e América do Sul, onde, na república de Nova Granada, tentou fundar uma colônia agrícola, o que não conseguiu por carência dos elementos necessários.

Como não tinha recursos monetários, teve, por vezes, de angariar o sustento por meio de trabalhos demasiado rudes para a sua débil complexião física.

De Nova Granada regressou á França em 1857, trazendo, como única bagagem, muitos conhecimentos e notas sobre a geografia dos lugares que visitou, os quais lhe permitiram escrever, na Revista dos Dois Mundos, artigos que chamaram a atenção dos homens de ciência da época e o collocaram ante a admiração do mundo culto, não só pela justeza dos conceitos, como pela formula literária que empregava e que lhe permitia apresentar os assuntos mais áridos como um estilo tão ameno e agradável, que toda a gente o lia sem esforço e se instrua simultaneamente.

A sua reputação de geógrafo illustre foi subindo cada vez mais até obter a consagração definitiva com os 19 grandes volumes da *Geografia Universal*, a maior das suas obras.

Como escritor foi infatigável; além de numerosissimos artigos, os quais, só por si, poderiam celebrizá-lo, deixou muitos livros; entre elles distinguem-se, depois da *Geografia*, *O Homem e a Terra* (6 vol.), *A Terra* (3 vol.), *História de uma Montanha*, *História de um Arroyo*, *Evolução e Revolução*, etc. Em todos elles alia, por forma originalissima e nunca igualada, a arte á ciência; os assuntos mais transcendentes são tratados com tanta beleza literária, que o nosso espirito se sente atraído e deleitado pela sua leitura.

Reclus revelou as suas ideias anarquistas, pela primeira vez, num escrito dos 21 anos, o qual, nunca tendo visto a luz da publicidade, foi encontrado entre os seus papeis.

As numerosas viagens de estudo que empreendeu depois durante as quais pôde observar a universalidade do sofrimento infligido, mercê da sujeição económica, política e social, aquelles que, com o seu esforço hercúleo, criam toda a riqueza, determinaram logicamente a evolução que o integrou ao campo das lutas e reivindicações sociais, integrando na Internacional em 1869.

Quando, após a guerra franco-prussiana de 1870, o povo de Paris, num arranco sublime de audácia e de rebeldia, se lançou na aventura heroica da Comuna (18 de Março de 1871), Eliseu apressou-se a pegar numa arma e a occupar um lugar nas primeiras filas.

Abnegação admirável a dote genio que, enquanto os néscios e os neutecapitos disputavam entre si os lugares de comando, serviu a causa do povo, como

# GALERIA DE GR

complexo soldado, num batalhão de voluntários!

Poucos dias depois, na madrugada de 4 de Abril, após uma curta batalha com as tropas de Versalhes, que venceram pela sua enorme superioridade numérica, Eliseu, juntamente com algumas centenas de sobreviventes do seu batalhão, ficou prisioneiro.

Um ano e meio durou a sua peregrinação por prisões e fortalezas, tempo que ele aproveitou para realizar, perante os seus companheiros de infortúnio, inúmeras conferencias sobre geografia, dar lições de linguas, etc. Numa das fortalezas, onde permaneceu três meses, ensinou a ler 100 analfabetos!...



## Ao raiar da

Aquêle que trabalha dia e noite  
Cavando a terra dura, mas amiga,  
Mal tem uma cabana que lhe acoste,  
O seu corpo cansado de fadiga.

Ele que tudo faz: — o ovo e a caes,  
E que tudo produz e não consome,  
Mal tem, ás vezes, a sardinha e a brasa,  
Com que sacie as filhas toda a fome.

Passa os anos da vida, remexendo  
Esse minério que nos dá futuro,  
E a alma humana só o vê morrendo,  
Sem um raio de sol e de ventura.

Ele que cova a terra, que a fecunda,  
Com seu braço potente, de abrião,  
E que de milho e trigo a enche, inunda,  
Passa esta vida sem bastante pão.

Ele que tudo faz, com seu suor,  
Que doba as lãs e que entretêco o fio;  
Ele que veste as "dandys" com primor,  
Arrasta o inverno a tiritar de frio.

Ele que sofre a vida, recurvado,  
E cheio de fadiga — que precalço! —  
A cortar peles, a fazer calçado,  
Anda nas ruas c'os pés nus, descalço.

E' ele, enfim, ou portuguez ou slavo,  
O tal factor de tudo quanto existe;  
E' o perpétuo, o tranquilo, o "bom" escravo,  
Que vive a vida amargurada e triste.

Fecunda a terra — e a terra não é sua;  
Constrói a casa — e a casa um outro leva;  
Fabrica o pano — e traz a filha nua,  
Produz a luz e vive só na treva...



A' DI  
**JOÃO MOSCA**  
"A Festa do Folheto" com dos os que causa de

A' BSC  
**RODOLFO**  
Figura importante momento obra, "Arti des", por

# GRANDES FIGURAS

## ANARQUISMO

As organizações sindicalistas não podem pertencer a partidos políticos, sejam eles mesmos exclusivamente proletários. É destruir os seus princípios nos quais se empenha o sindicalismo para o bem-estar das coletividades.

O setarismo partidário não cria consciências libertárias mas amolda e cristaliza paixões estereis no sentimento do operário, transformando-o fatalmente na mais hedionda besta, — como as bestas dos quartéis sustentadas pelo Estado. (Do livro "Verdades Sociais", de J. Carlos Bóscolo)



## da Liberdade

*E não há de rair uma alvorada,  
Feita de amor e de ciência e luz,  
Que ao homem legue a terra libertada,  
E a cada braço dê o que produz?*

*Almas "sanguinolentas" da Comuna,  
Eu compreendo bem o vosso crime,  
Vós procurastes redimir a uns,  
O que só com o sangue se redime.*

*Como um leão vivendo escravizado,  
Um dia a cólera vos voltou à sôlta,  
E quisestes vingar todo o passado,  
Ebrios de luz e cheios de revolta.*

*Com a cólera dum deus clemente e irado,  
Com essa cólera sagrada e louca,  
Toda a fome sofrida no passado  
Vos pareceu muita e a vingança pouca.*

*O' Almas, que sois filhas da miséria,  
Erguei os olhos para a luz do dia  
A esperança é linda, é azulada, etérea,  
O vé-la inunda os olhos de alegria*

*Não há-de ser eterna a vossa dor,  
Nem há-de ser eterna a escravidão;  
Há-de de acabar o trazo de amargor,  
Com que comeis ainda o vosso pão.*

*Hão-de existir, fatal e eternamente,  
Incuráveis diferenças da matéria?  
Não pode, em tudo, ser igual a gente,  
Mas há-de terminar: — Fome e Miséria.*

*E' para a frente, que é preciso olhar:  
E' lá que existe o Sol — o redentor  
E' lá, irmãos, que temos de elevar,  
O Novo-Mundo de Igualdade e Amor...*

José de ARRUELA.

**A DIREITA:**  
JOÃO MORAES — Autor de "A Pólvora Religiosa", um folheto conhecido por todos os que se dedicam à causa da liberdade.



**A ESQUERDA:**  
RODOLFO ROCKER — Figura nítida de pensamento anárquico, a sua obra, "Artista e Rebelde", por não, é uma consagração.

## Uma carta de Bakunine

"A igualdade sem a liberdade é uma ficção maliciosa criada pelos espartalhões para enganar aos tolos.

A igualdade é o despotismo do Estado, e o Estado despotico não poderia existir um só dia sem ter ao menos uma classe exploradora e privilegiada; a burocracia, potencia hereditaria como na Rússia e na China, ou de fato como na Alemanha e entre vós mesmos.

Nosso grande e verdadeiro mestre — Proudhon, disse no seu maravilhoso livro — "Justice dans la Revolution et dans l'Etat" — que a mais desastrosa combinação que se pudesse formar seria



**MIGUEL BAKUNINE** — Filósofo, profundamente humano, descendente de nobres, Bakunine pôs ao serviço da anarquia, a redenção da Humanidade, o seu coração, o seu cérebro e a sua vida. Derramou as mãos cheias, desinteressadamente, fazendo disso um apostolado magnifico, a semente generosa do idealismo da fraternidade universal.

a que reunisse o socialismo com o absolutismo, as tendências do povo para a emancipação economica e o bem estar material com a ditadura, isto é, a concentração de todos os poderes politicos no Estado.

Que o futuro nos preserve, pois, dos favores do despotismo; mas que nos salve, também, das consequências desastrosas e embrutecedoras do socialismo autoritario, doutrinario ou de Estado.

Sejamos socialistas, mas não nos convertamos jamais em povos-rebanhos.

Não procuremos a justiça, toda a justiça politica, economica e social, mais que no caminho da liberdade.

Não pode haver nada vivo e humano fóra da liberdade, e um socialismo que a rechasse do seu seio ou que não a aceite como unico principio criador ou como base, nos levaria diretamente à escravidão e à animalidade.

Mas se, por uma parte, devemos rechaçar energeticamente todo sistema socialista que não se inspire no principio da liberdade coletiva e individual, devemos separar-nos, com a mesma energia e franqueza, de todos os partidos que declaram querer permanecer extranhos à questão social, a mais temível, mas também a maior de todas as questões que preocupam hoje o mundo todo...

"A vossa grande revolução, que iniciou a sua obra sublime pela declaração dos Direitos do Homem, não a terá terminado senão quando haja organizado — não só em vosso país, mas em toda a superfície do Globo — a sociedade de acordo com a justiça: uma sociedade que, ao principio da vida de cada um dos seus membros, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, deva assegurar a igualdade do ponto de partida, quando essa igualdade dependa da organização social, feita naturalmente, da abstração das diferenças naturais dos individuos; uma sociedade que sob o aspecto economico e social ofereça a cada um a possibilidade igualmente real para todos de elevar-se, na medida das energias e da capacidade de cada um, — às mais grandes alturas da humanidade, primeiro pela educação e instrução, depois pelo proprio trabalho de cada um — trabalho por sua vez muscular e nervoso, manual ou intelectual, que convertendo-se na fonte legitima de toda propriedade individual, porém não hereditaria, acabará por ser considerado como a base principal, de todos os direitos politicos e sociais.

Tal é, segundo a minha opinião, a última palavra do programa revolucionario.

Se poderá gritar sobre a dificuldade da sua realização; mas não se poderá, sem negar toda a lógica, desconhecer que é uma condição absoluta da verdadeira justiça.

E nós, os que já renunciamos a toda a fé teologica para termos o direito e o poder de abraçar a fé humana, devemos manter sem embargo, o programa de justiça.

Entim, v. está persuadido, não é verdade?, que todo vinho novo deve ser vertido em odres novos e que voltando as costas à multidão, em sucessivo esgotamento, dos invalidos do teologismo do privilegio, da democracia anti-socialista e da politica transcendente, devemos manter, sem embargo, o programa nessa parte da juventude estudiosa e inteligente, porém de nenhum modo doutrinario que, sentindo em si a necessidade de fundir-se com as massas populares, afim de nelas recolher uma vida

que começa ostensivamente a faltar nas altas esferas da sociedade, ama e respeita ao povo bastante para ter o direito de instruí-lo e conduzi-lo; — porém, sobretudo nas classes trabalhadoras que mortalizadas pelo trabalho e não estando esgotadas pelos abusos e gozos da vida, são hoje as unicas detentoras e as dispensadoras de todo porvir.

Eis aqui, meu querido Chassin, a minha profissão de fé.

Se não lhe desagradar muito aceite-me entre os seus numerosos colaboradores.

MIGUEL BAKUNINE"

"Trecho de uma carta doutrinaria enviada por Bakunine a Louis Chassin do "Democrate" de Paris. Convem notar que Bakunine tinha grande predileção pela correspondência e que a maior parte das suas produções se encontra na doutrina epistolar.)

## O trabalho

Em effeito, que é o trabalho?

Eu respondo sem vacilar: a transformação da matéria operada pelo homem para satisfação das nossas necessidades, e se esta definição vos parece demasiadamente restrita, acrescentarei: para transformar a matéria é necessario conhecê-la, e aí tendes o trabalho em concordância com a ciência desempenhando uma unica função, preenchendo o mesmo objetivo.

As nossas necessidades são de genero distinto, diferentes, segundo se referiam



**ANSELMO LORENZO** — Militante anarquista, pensador e grande tribuna, Anselmo Lorenzo está ligado pelo saber, pela luta e pelo arrojado das suas concepções, às grandes figuras do anarquismo. Entre as suas obras destacam-se "El banquete de la vida" e "Proletariado Militante", que nenhum estudioso dos problemas sociais pôde dispensar.

ao nosso sustento e conservação ou às nossas faculdades morais ou intellectuais, e aí tendes novamente a ciência acompanhada da Arte, trabalhando também e tornando patente que nem só de pão vive o homem mas também da satisfação daquella necessidade imensa que tem do belo, do bom e do verdadeiro.

Agora pergunto eu: dar pão, beleza, bondade e verdade às gentes, há-de ser uma empresa eternamente dirigida por agiotes e desempenhada por escravos, como querem os economistas conservadores?

E' a mesma coisa que dizer que ha uma classe de homens superiores que se sobressaem ou excedem do natural para erigir-se em amos e directores, e outra tão infima, desgraçada e mísera que se fica por debaixo e vive para trabalhar por obediencia, transformando as forças materiais ou intellectuais em meios de satisfação, de luxo e de prazer para os que estão por cima sem fazer coisa alguma mais do que mandar.

Não; ao trabalho não se pode pôr preço, como não se pode taxar a necessidade, e se por desgraça se faz é porque antes se cometeu outro mal fundamental, qual o de apropriar-se uns quantos do que é de todos, e apoderar-se dos meios de saber e de produzir, dando-se a essa iniquidade sanção legal e dedicando à sua defesa essa força coercitiva de que dispõe o Estado, que foi sempre inimigo declarado da Direito.

ANSELMO LORENZO

"Se a morte é pena correlativa da nossa ardente paixão pela liberdade de especie humana, então eu digo bem alto: podeis dispor da minha vida." FISCHER

"Se quereis minha vida por invocar os principios do socialismo e da anarquia, como eu entendo e creio honradamente que os tenho invocados em favor da humanidade, vo-la dou contente e creio que o preço é insignificante entre os resultados grandiosos do nosso sacrificio." FIELDER

## Os homens e as ideias

Neno Vasco, pseudónimo de Gregório Nazianzeno de Vasconcelos, nasceu em Penafiel em 9 de Maio de 1878.

A sua infância e adolescência — salvo uma curta permanência em S. Paulo, Brasil — não a passou porém na sua cidade natal, mas em Amarante, onde começou os seus estudos.

Era pois desta vila que falava sempre com imensa saude, afirmando ignorar o que fosse esse sentimento tão apregoadado do amor pela terra onde se nasce.

Após terminar o curso dos liceus, foi de Amarante para Coimbra frequentar a Faculdade de Direito, resolução que sobretudo tomou impulsionado pela intensa paixão que então sentia pela literatura. Ali teve, entre outros, como condiscipulo, o conhecido pedagogogo Faria de Vasconcelos, de quem foi muito amigo, assim como do inspirado e consagrado poeta Teixeira de Pascoas.

Mas ao concluir a sua formatura, em 1901, novas preocupações se tinham apoderado do seu espirito, fazendo passar para um segundo plano a paixão litteraria. Sentia-se já fascinado pelo ideal anarquista, embora ainda não tivesse uma concepção bem clara e nítida de tal doutrina.

Depois de ter residido algum tempo no Porto, e de ter regeitado certas facilidades proporcionadas por parentes para que ingressasse na magistratura, resolveu partir para S. Paulo, onde já estivera em criança em companhia de seu pai e onde este ainda se conservava.

Ali chegou em 1902, travando em seguida conhecimento com alguns camaradas italianos, que lhe facultaram a leitura de collecções de diversos jornais anarquistas do seu país, e foi principalmente graças a esse estudo que ele se compromettera integralmente do ideal anarquista.

As suas concepções precisaram-se melhor, estabelecendo-se em bases mais firmes e sólidas.

Decidiu então definitivamente renunciar à litteratura, suspendendo um romance, já quasi terminado — primeiro duma série que tinha projectado escrever.

## Teoria do conhecimento

A ciencia moderna não procura o absoluto, tão difficil de encontrar: limita-se às comparações suficientemente



**P. J. PROUDHON** — Teórico inconfundível das ideias filosoficas que forneceram elementos de base aos principios do anarquismo, os seus conceitos sobre a propriedade revolucionaram os conhecimentos humanos, confundindo os falsetes do Direito e da Justiça. São suas obras mais importantes: "Que é a Propriedade?", "A moral das ideias" e "Miseria da filosofia" em que contesta a uma obra que Karl Marx publicou com o título "Filosofia da Miséria".

accessíveis às nossas intelligencias. Assim ignora a essência da substancia material, porém posso cotá-la com um determinado peso — a grama — e dizer, que tal corpo pesa tantas grammas e tantos miligrammas.

Tambem desconheço a essência do espaço; sem embargo posso medir em quilómetros e metros o espaço que me apraz, o mundo inteiro, França, Paris. Tampouco sei o que é o tempo em si mesmo, mas posso asseverar que tal duração e de tantos segundos, sendo o segundo a 86.400 parte do dia, cujo periodo é invariavel.

De igual sorte não conheço o que em si são a energia mecânica e o movimento; apesar disso aprisiono o vapor e meço a elasticidade para aplicar mais tarde em mover imensas massas...

O homem ignora a natureza intima da energia do vapor na locomotora que inventou; da mesma forma não sabia ha mil anos a essência da força do cavallo, o camelo ou o elefante que explorava na locomoção...

P. J. PROUDHON

Resolveu dal para o futuro dedicar-se unicamente à propagação do ideal anarquista entre as massas trabalhadoras, utilizando-se para este fim duma linguagem simples, clara e comprehensivel, e pondo de parte todas as flores de retórica e arrebiques de estilo, por se convencer que estas só serviriam para obscurar os seus pensamentos ou desviar deles a atenção do leitor.

Começou desde essa época a sua vida activa de escritor anarquista, em S. Paulo, onde teve como colaboradores Edgard Leuenroth, seu cunhado Manuel Moscoso, Adelino de Pinho, etc.

Durante os anos que ali viveu, publicou a revista "Aurora", jornais "Terra Livre" e "Amigo do Povo". Foi também lá que escreveu as duas pequenas peças de teatro "Peccado de Simônia" e "Grêve de Inquilinos", representadas com grande successo em S. Paulo e Rio de Janeiro, em varias festas operárias.

Em 1911 resolveu voltar a Portugal, vindo fixar residência em Lisboa.

Levou-o a tomar esta decisão, por um lado, o seu descontentamento pelas manifestações do espirito nativista brasileiro contra os estrangeiros, e por outro, o interesse que lhe despertava e incrementava que a organização operaria tomou em Portugal após a proclamação da república.

Nos primeiros tempos, em Lisboa, exerceu as funções de correspondente do jornal anticlerical de S. Paulo "A Lanterna", tendo reunido mais tarde no seu livro "Da Porta da Europa" muitas das crónicas enviadas áquelle jornal.

Mas esta situação não se manteve por muitos anos, e ele viu-se obrigado em 1914 a procurar trabalho noutra parte, empregando-se como correspondente de linguas estrangeiras no escritório duma casa exportadora de vinhos (Companhia Central Vinicola de Portugal).

Aqui esteve até á greve dos empregados de escritório. Quando terminou este movimento desastrosamente, ele, o unico grevista da referida Companhia, dirigiu-se ao guarda-livros, perguntando se o admitiam ou não de novo ao serviço.

Este recebeu-o desabridamente, mostrando-o até de desleal para com os seus colegas de escritório, que não tinham abandonado o trabalho! Depois duma desagradavel discussão, Neno resolveu despedir-se da casa, escrevendo neste sentido uma carta á Direcção, onde explicava com desassombro as razões do seu procedimento.

O que é interessante registar é que um dos Directores, militar, de ideias conservadoras, e portanto inimigo de greves, assim como de todos os movimentos reivindicadores do proletariado, não queria aceitar a sua demissão, e depois de ver que a sua resolução era inabalável, muito espontaneamente, determinado unicamente pela admiração que lhe inspiravam o saber e o carácter de Neno Vasco, arranjou-lhe um lugar alda melhor do que o anterior numa outra grande empresa.

Neno era tímido e pouco expansivo, e contava que Cristiano de Carvalho,



**NENO VASCO** — Advogado e jornalista, o dr. Nazianzeno de Vasconcelos, o Neno Vasco das suas produções idealistas e de combate, jornalista incansavel e prodigioso, deixou entre nós, uma profunda saude que não se apagará jamais no mente dos que o trataram de perto.

um dia, referindo-se a ele, — talvez por notar a sua falta de verbalismo exaltado — dissera mi's ou menos isto: "Este é dos tais que está por cá dois ou três dias, e ir-se-á depois embora". Todavia, — disse elle, com certa satisfação, já misado pela terrivel tuberculose, — enganou-se, porque cá estou no meu porto sem quebras nem deslucimentos, a pesar das duras contrariedades sofridas".

E tinha razão, porque poucos como elle se têm mantido, sacrificando-se e lutando persistentemente até á última, pelo triunfo do ideal anarquista.

## O fascismo, filho dileto da igreja e do capital

A aliança entre Cesar e Pedro é de todos os tempos, desde Constantino, e indispensável à estabilidade do Estado burguês e da Igreja Romana.

Agora, o Capitalismo presente a sua propria agonia.

E a Igreja vê cair os alicerces da sua soberania.

Dai o fascismo: é o filho dileto do Cristianismo e do Capital. É a nova aliança do altar e do trono — para o renascimento do terror e do despotismo imperialista — as armas com que os papas, os autocratas, a plutocracia pretendem estrangular de novo a razão humana e subornar a evolução.

A ofensiva do clero é, pois, motivada pelo tropel do caminhar do genero humano, num ciclo de evolução em que, na arena social se postam dois exercitos — para a Cruzada definitiva entre o principio de Autoridade e o direito humano à Liberdade.

Em todos os tempos — psicólogos astutos e vorazes, a sua alma foi a mulher e a escola.

A escola falsifica a historia, e, cautelosamente, oculta os crimes, o cinismo, a libertinagem, a cupidéz e a voracidade do clero em violar a alma humana.

A mulher, apaixonada, exaltada, emotiva, domesticada até o servilismo — é a intermediaria entre o padre e a sociedade, entre a Igreja e a criança, e a sua missão consiste em estar a serviço da ignorancia, do crime, da superstição, do fanatismo, da intolerancia obstinada a irredutível, e, por fim, prestar-se a camôler, a mendigar, para encher os cofres fortes da Igreja, toda poderosa, mascarada de pobreza e humildade.

Toda gente conhece a historia do exercito sagrado das crianças inquiridoras, formado por Savanarola — para a observancia das boas costumes em Florença.

As mãos ocupadas com a cruz vermelha e os ramos de oliveira e estandartes — atravessam a "fogueira das vaidades" — as obras de arte dos palacios assaltados pelo exercito sagrado, livros, estatuas, quadros, — tudo quanto constitua vaidade, heresia, frialdades, nullemas... Obras de sabios e artistas, filosofos e pensadores — eram as crianças que decidiam, infalivelmente, o que era bom ou mau, inspiradas pelo Espirito Santo!

No palacio Medicis as marteladas quebravam marmores: o que não podia ser queimado era mutilado, deformado pelas crianças, por inspiração divina.

Vouavam os livros e as obras de arte pelas janelas e as carroças se entupiam com os livros dos sabios e as belezas da Arte. Humilhuras e encadernações magnificas, trabalhos fantasticos e pacificos, beleza e pensamento — tudo ia para alimentar a fogueira da vaidade. A Leda de Leonardo, Aristofanes, manuscritos preciosos — era uma civilização inteira que se queimava.

Agora, na Alemanha cristã-nazista — a juventude queima 20.000 volumes de pensadores cientistas, filosofos e artistas, num Auto de Fé do exercito sagrado dos inquiridores modernos.

Frutos da educação cristã. Ontem como hoje. A Igreja se regozija neste momento, em silencio.

O Cristianismo inaugurou a ofensiva através dos processos naci-nal-imperialistas de Mussolini e Hitler.

Vê, com alegria, os Autos de Fé retomarem o seu lugar privilegiado no novo ciclo da civilização.

Enquanto os primeiros ensaios inquiritoriais se verificam e o mundo os vê escandalizado — mas, nada faz para impedi-los — a Igreja aguarda a oportunidade de poder estar vivos os homens e as mulheres, em vez de queimar apenas os livros.

Será possível que a covardia humana nos avilte a ponto de consentirmos de novo em tal degradação?

Fascismo, nazismo... O Estado moderno é profundamente cristão, católico ou protestante, é mistico-nacional — é o povo amadurecido dos seculos de educação clerical.

Quando aprendemos que a Igreja perseguia martiriz a Giordano Bruno, a Copernico, Kepler, Galileu, Descartes, Newton, longe estavam de supor que hoje, agora, neste momento, Hitler perseguir, exilar, confisca os bens de Einstein — o maior cientista vivo — põe a premio a sua cabeça, essa cabeça notavel que revolucionou toda a matematica e abriu novos caminhos às concepções da mecanica celeste. É ainda o Cristianismo, ainda é a Igreja Romana, mesmo na alma protestante é o odio cristão ao judeu, mas também e ainda mais — o odio à ciencia, o odio à heresia que, através das investigações da ciencia para, estabeleceu principios e descobriu leis naturais — contra os dogmas absurdos da infalibilidade, contra a prepotencia da força bruta e contra o despotismo da violencia religiosa ou politica do *Cris ou Morre*.

MARIA LACERDA DE MOURA

## Algumas considerações sobre o regime de propriedade depois da revolução

Os nossos adversarios, defensores e beneficiarios do presente social, justificam ordinariamente o direito de propriedade, afirmando que a propriedade é a condição e garantia da liberdade.

E nós estamos de acordo com eles. Então, não dizemos a cada passo, quem é pobre, é escravo?

Mas, afinal, porque é que somos adversarios?

Por isto — em realidade, a propriedade que eles defendem é a propriedade capitalista, a propriedade que permite viver-se à custa do trabalho alheio, a propriedade que determina, consequentemente, a existencia duma classe de deserdados, de sem-propriedade, obrigados a venderem o seu trabalho aos proprietarios por um preço inferior ao que éle vale.

E, com effeito; — hoje, em todos os países do mundo, a maior parte da população é obrigada, para poder viver, a mendigar trabalho a aqueles que monopolizam o solo e as ferramentas; e este trabalho, quando se consegue, é recompensado por um salario sempre inferior ao produto e muitas vezes apenas sufficiente para que os trabalhadores não morram de fome. Ela o que constitui uma espécie de escravidão — escravidão que pôde ser mais ou menos dura, mas que significa sempre inferioridade social, privações materiais e degradação moral, e eis a causa precipua de todos os males da organização social dos nossos dias.

Para que todos sejam livres, para que cada um possa atingir o seu maximo desenvolvimento fisico e moral, desfrutando todos os bens que a natureza e o trabalho podem fornecer, é preciso que todos sejam proprietarios, isto é, que todos tenham direito àquello pouco de terra, de matérias primas de instrumentos de trabalho para produzirem sem necessidade de serem explorados e oprimidos. E como não se pôde esperar que a classe proprietaria, renuncie espontaneamente aos privilegios usurpados, é necessario que os trabalhadores a expropiem para que tudo se converta em propriedade de todos. Tal deve ser a tarefa da proxima revolução; e é para este objetivo que devem ser dirigidos e orientados os nossos esforços.

Mas, como a vida social não admite interrupção, é preciso pensar, ao mesmo tempo, nos meios de utilizar os bens tornados comuns, e de assegurar a todos os membros da sociedade a fruição de direitos iguais.

O regime de propriedade será, pois, o problema que se ha-de apresentar no proprio momento em que se proceder à expropriação.

Naturalmente não se pôde pretender nem mesmo esperar, que se passe, dum golpe, do sistema atual de sociedade para outros sistemas perfeitos e definitivos. No momento da revolução, momento em que é necessario agir depressa e satisfazer imediatamente as necessidades essenciaes, proceder-se-á como se poder, segundo a vontade dos interessados e as condições que, realmente, essas vontades determinarem e limitarem. Mas é preciso, desde o principio, posuir-se uma ideia nitida, clara, daquilo que se quer, para se orientarem firmemente as coisas nesse sentido.

A propriedade, deve ser individual ou coletiva? A coletividade, proprietaria de bens indivisiveis, será o grupo local, o grupo corporativo, o grupo de afinidade, o grupo familiar, ou compreenderá, em conjunto, os membros de toda uma nação e, depois, de toda a humanidade?

Que formas hão-de assumir a produção e a troca? Teremos nós o comunismo (produção associada e livre consumo para todos); o coletivismo (produção em comum e distribuição dos produtos, segundo o trabalho de cada um); o individualismo (posse individual dos meios de produção e fruição do produto integral do proprio trabalho), ou alguma outra formula que possam sugerir o interesse individual e o instinto social esclarecidos pela experiencia?

E talvez provavel que todos os modos de posse e de utilização dos meios de produção, bem como todos os modos de distribuição dos produtos, sejam simultaneamente experimentados, tanto na cidade como no campo; e que, entrelaçando-se, temperar-se-ão de maneiras distintas até ao dia em que a pratica tenha demonstrado qual é a formula ou as formulas preferiveis.

Entretanto — como já o acentuamos — a necessidade de não interromper a produção e a impossibilidade de suspender o consumo das coisas indispensaveis, hão-de determinar que, ao mesmo tempo que se proceder à expropriação, se tomem os acordos imprescindiveis à continuação da vida social.

Far-se-á, então, o que se poder. E, enquanto se impede a constituição de novos privilegios, ter-se-á o tempo preciso para procurar os melhores caminhos.

Analizemos, porém, um pouco, os principais sistemas apresentados para resolver a questão.

Entre os anarquistas ha dois sistemas economicos que se disputam a preponderancia: o individualismo (e em falo do individualismo como modo de distribuição da riqueza sem me incomodar com subtilzas ou abstrações filosoficas que, para o nosso caso, não tem interesse), e o comunismo.

O coletivismo, de que já hoje pouco se fala, é um sistema intermedio que reúne as vantagens e os defectos dos dois sistemas a que me referi mas que, talvez porque é intermedio, seja largamente aplicado, pelo menos durante o periodo de transição entre a antiga e a nova sociedade. Não fa'arel, porém, especialmente dele porque se lhe podem aplicar as objecções a que se presta o individualismo, assim como aquelas a que se presta o comunismo.

O individualismo completo consistiria em dividir entre todos a terra e as outras riquezas em partes aproximadamente iguais ou equivalentes, de modo que, no principio da sua vida, todos os homens tivessem meios iguais, podendo, assim, cada um elevar-se até onde lhe permitissem as suas facultades e a sua actividade. E para que, desde o ponto de partida, esta igualdade se pudesse manter, seria preciso abolir a herança e proceder periodicamente, a novas divisões em harmonia com as oscillações da população. E' evidente que este regime seria antieconomico e inservivel para a melhor utilização das riquezas; e supondo-se que fosse applicavel a pequenas comunidades de carácter agrario, certamente que seria impossivel a sua applicação numa vasta coletividade e numa civilização agrario-industrial avançada, em que uma parte consideravel da população não adopta directamente a terra e os instrumentos de trabalho para produzir bens materiais, antes exerce a sua actividade nos serviços necessarios e uteis a todos.

Além disso, como dividir a terra equitativamente ou, pelo menos, com um espirito de justiça relativo, sabendo-se que o valor das diversas parcelas difere totalmente, quanto à produtividade, à fertilidade, à salubridade e à situação? E, como dividir os grandes organismos industriais que, para funcionarem, necessitam do esforço simultaneo dum immenso numero de trabalhadores? Depois, como estabelecer o valor das coisas e proceder à sua troca sem cair, ao mesmo tempo, nos males da concorrência e nos do monopólio?

E' verdade que os progressos da quimica e o desenvolvimento da engenharia tendem a igualar a produção e a salubridade nos diferentes terrenos; que o desenvolvimento dos meios de transporte, o automovel e a aeronautica, acabaram por tornar igualmente vantajosas todas as posições; que o motor eléctrico, descentralizando a industria, torna possivel aos individuos isolados e aos pequenos grupos, o trabalho mecanico; e que a ciencia poderá descobrir ou fabricar, seja em que parte for as matérias primas necessarias ao trabalho. E, então, quando estas e outras progressos forem um facto, a facilidade e a abundancia da produção hão-de tirar a questão economica a importancia preponderante que hoje apresenta; e a fraternidade mais bem sentida tornará inuteis e antipáticos os minuciosos calculos sobre o que corresponde a uma e a outra: então o comunismo substituir-se-á automaticamente, quasi insensivelmente, pelo individualismo, para maiores vantagens, maior liberdade affectiva, maior satisfação de todos os individuos.

Mas isto são coisas dum futuro mais ou menos longinquo; e aqui trata-se dum hoje ou dum proximo amanhã. Ora hoje, uma organização baseada na apropriação individual dos meios de produção, mantendo e criando antagonismos entre os produtores, e provocando conflitos de interesse entre produtores e consumidores, seria sempre ameaçada pelo possivel advento duma autoridade, dum governo que restabeleceria os privilegios abolidos. E, de toda a maneira, essa organização não poderia subsistir — nem mesmo provisoriamente — senão com a condição de ser "temperada" por associações e cooperativas voluntarias de toda a especie.

Assim, o dilema perante o qual se encontra a revolução, é sempre o mesmo: ou organizarem-se voluntariamente em beneficio de todos, ou serem organizados por um governo em beneficio duma classe dominante.

EL MALATESTA



## Previsão do mundo

(Conclusão da 1.ª pag.)

tas, levados por um caminho errado, favoreçam a hipótese de um plano de supremacia do povo russo sobre os demais povos?

E que seria de um povo considerado inferior, como o nosso, taxados os seus habitantes de jecas pelos seus proprios patricios intelectuais burgueses?

Na melhor das hipóteses ficaríamos escravizados, no trabalho, sob o tacão do povo "eleito" — que, no caso em apreço, seria o povo russo.

E' bem possivel que de todas essas táticas da Rússia, admirada pelos seus idolatras comunistas, resulte o seu dominio universal e daí advinha o grande sindicato do capitalismo unido sob uma unica bandeira, com a esfinge da foice e do martelo, apontando o dever para

os trabalhadores e o direito para os senhores.

Eles, lá em cima, radiando e ordenando. Nós, cá em baixo, obedecendo e trabalhando sob o tacão ditatorial.

Regime comunista para os senhores, gorarem a vida. E regime, também comunista, para os escravos desbravarem a terra e produzirem o progresso.

Essas são as minhas previsões do mundo.

Contudo, continuo sendo anarquista. E creio mesmo que alguns camaradas comunistas, bem intencionados, já começaram se arrecear do "olho de Moscou".

Ainda é bom que existam esses bem intencionados, atentos e prontos a dar o alarme, para que as massas se pre-

cavemham a tempo contra o perigo que as ameaça.

A hora que atravessamos é de toda a cautela. E' bom que estejamos atentos e em guarda, embora as nossas convicções nos saturem da fé inabalavel de que a Rússia de Kropotkine e de outros mestres do anarquismo ha de romper o circulo de ferro da ditadura e proclamar a internacional dos trabalhadores imunados no regime libertario. Todos com os mesmos deveres e todos com os mesmos direitos. Sem comandantes e sem comandados. Obedecendo apenas, todos indistintamente, à lei imperiosa da necessidade do trabalho e do direito à vida.

ISABEL CERRUTI

## Ondas trágicas

Proletario!

De todos os infelizes que lutam na esperança de vencer na vida: os vencedores quantos são?

Bem poucos.

De todos os miseros que sonham a abundancia, a felicidade o bem-estar: os bem sucedidos quantos são?

Bem poucos.

De todos os que vivem na ilusão de um porvir de gloria e de liberdade: os triunfadores quantos são?

Bem poucos.

Assim, na vida, todo desejo, toda esperança, todo sonho de liberdade, toda ilusão de felicidade, quiméras apenas são!

Porque?

Porque no mundo, filha da mais desenvolvida ambição de dominio e mando, surgiu, ha muito, enorme onda de exploração, que, avolumando-se e se expandindo cada vez mais, atinge, hoje em dia, proporções espantosas.

E essa anomalia horrenda, verdadeira materialização da lendária hidra de Lernea, tudo abrange, tudo envolve, tudo suga — levando tudo de vencida —; incançavel mananciaes de concupiscencia, dego ismod edepvação, de sardra de egoismo, de depravação, de odio e de rancor; fonte de desventuras, de apribrios, de deshonras, de delitos, de morte; causa de vaidade, de vicios, de horrores; origem de todo mal!

Pessimismo?

Não! Lógica demonstração dos efeitos que a ciencia não esconde.

E enquanto que os valores se acumulam sob as garras oduncas da negra ave de rapina, ou burguesia ladra, no fundo do lamacento abismo putrido o produtor, roto e faminto, passa os dias no estertor de lenta agonia; morrendo à mingua na interminavel noite escura e tremendamente fria de sua atribulada existencia, iludido na esperança dum mais feliz porvir.

E enquanto que a miséria triste assola os lares simples, nas altas esferas o capital, monstro informe, silencioso dorme o sono da innocencia.

Ilusão?

Não! Ocorrência diuturna, que todos podem conhecer.

Por isso, num momento de fobia atroz, num momento etico emul sh atroz, voejam ultimatos, mobilizam-se as massas e o desastre toma vulto.

Inicia-se a luta:

Qual avalanche imensa, mas cega, de uma cegueira triste, a miséria humanidade, hipnotizada pelos cânticos e sermões dos embatidos e impelida pelos discursos e incitações dos encasacados, marcha d'idamente para a espantosa voragem ardente, que é a guerra, em busca da desventura, da dor e da morte.

Sonho?

Não! Breve descrição da tragédia imensa.

Tremendo é o desenrolar da luta, horripitante a chacina:

No fragor da tempestade dos conflitos, no furor d' vendaval das guerras, por entre o figurar dos incendios, sob o rimbombor dos canhões, o pipocar da metralha, o estoirar das bombas mortíferas, através o reboar dos brados de dor e gritos de morte — blasfemias, surgidas, ais e todo mais — o pensamento perde-se, o bom senso morre e a vida não tem razão de ser!

Paradoxo?

Não! Visão insuspeita dessa especie de cataclismos que tanto prejudicam o mundo.

Depois, concluída a nefanda obra de destruição, de rob os escombros trágicos, em que começa a morte, erguer-se-ão lamentações, imprecações e maldições: — E os vencidos serão escravos, e os vencedores serão senhores, algozes, assassinos!

...E a miséria se acentuará ainda mais.

...E aquele montão de destroços negros será a branca Paz!...

Disparate?

Não! Simples exposição da catástrofe.

Mas breve crece o descontentamento; de novo rumorejam os odios; planejam-se vinganças, e, presos de loucura indômita, de furor incofido, os homens lançam-se a novas lutas.

E o massacre recomeça.

Na luta insana, na sede de conquista, no anelo de prevaricar, na ansia de sobrepujar, no afan de fulgir o ser humano degladiado-se mesquinha e miseravelmente como o mais torpe dos monstros.

Fantasia?

Não! Realidade pura. No decurso dos milénios, a miséria humanidade arrasta-se ingloriosamente pela senda abrupta do mal-estar; esmagada sob o jugo férreo da força bruta, prepotente e avassaladora dos mais elementares; agarrada ao tradicionalismo, antiquada pelos preconceitos e aviltada pela religião.

Mistificação?

Não! Consideração exata.

Quasi

AUGUSTO CONTE



### As comemorações do 1.º de Maio na Federação Operaria de S. Paulo

Tendo em vista lembrar aos trabalhadores o grandioso significado desta data que constituiu, para a história do proletariado universal, uma afirmação de luta pelas reivindicações humanas, a Federação Operaria de S. Paulo fez distribuir ao proletariado um longo manifesto em que, depois de historiar os acontecimentos de Chicago, faz sentir a necessidade que tem os trabalhadores de reivindicarem a memória dos mártires que a burguesia norte-americana criminosamente roubou á vida, afirmando o valor dos princípios ideológicos por que lutaram aqueles camaradas anarquistas.

Desse manifesto, longo demais para ser publicado na íntegra, destacamos o seguinte trecho:

O 1.º de Maio, recordando as vítimas da plutocracia norte-americana, lembra-nos, também, todos os idealistas que tombaram noutras datas e em diferentes países.

Como uma visão dantesca, faz parar, diante dos nossos olhos, as heroicas legiões dos que, em Montjuich, Oyapock, Cayena, Terra do Fogo, Lipari, Bonton, Casas Viejas e tantos outros lugares onde se ergueram forças, guilhotinas ou presídios, onde se aplicaram instrumentos de tortura, afrontaram a morte com o

sorriso nos lábios e a mente posta no sublime ideal da redenção humana.

O capitalismo, reconhecendo ter atingido o pináculo do seu apogeu, reajusta forças, prepara novas tragédias, com a esperança de deter os surtos revo-

lucionários que ameaçam a estabilidade dos seus privilégios.

Por todas as partes surge a reação fascista, abafando pronunciamentos de rebeldia, mas a classe espoliada prossegue impávida sua trajetória, pois tem a certeza que a derrocada das instituições históricas é fato iminente, bastando apenas para seu aceleramento que se coadjuvem as forças e se animem vontades.

Que o 1.º de Maio de 1934 seja o dia que marque o início da união do proletariado em torno dos objetivos que visam a transformação social.

## Federação Operaria de São Paulo

Séde social: Rua Quintino Bocaiúva, 80

# Grande Comício Popular

1886 — 1.º DE MAIO — 1934

Aos trabalhadores e ao povo em geral!

A Federação Operaria de São Paulo convida aos Trabalhadores e ao Povo em Geral a comparecerem ao Grande Comício Comemorativo da tragédia de Chicago que se realizará Terça-feira, 1.º de Maio, ás 14 horas em sua séde social.

Trabalhadores! Ninguém falte a este comício!

O COMITR FEDERAL.

### CONFERENCIA - PLENARIO

Em cumprimento do disposto pela 3.ª CONFERENCIA OPERARIA ESTADUAL, no dia 1.º DE MAIO nomear-se-á, em Conferencia Plenaria das Organizações Operarias da capital e do interior, a Comissão reorganizadora da CONFEDERAÇÃO OPERARIA BRASILEIRA.

Para esta CONFERENCIA-PLENARIO, que se realizará no salão da Rua Quintino Bocaiúva, 80, ás 20 horas do dia 1.º DE MAIO, são convidados os trabalhadores em geral.

### PALAVRAS AS MULHERES EM 1.º DE MAIO

Irmãs:

Fazem hoje muitos anos... quarenta e sete... emudeceram para sempre as bocas de uns homens, que só palavras de amor haviam dito.

Palavras cheias de fé; tão puras e claras que iluminavam as sendas escuras, como um fôco de luz; sim, fazem hoje muitos anos que deixaram de bater uns corações, que sentiam e faziam suas todas as dores do mundo...; que umas palpebras cobriram para sempre os olhos sonhadores que miravam muito longe...

Tão longe que descobriram uma vida nova.

Pois bem, queridas irmãs: Esses corações generosos, as palavras belas e harmoniosas, os olhos doces de crianças tristes que acariciaram um nobre ideal, tud'ofoi estrangulado, de um só golpe pelas garras da Lei; por uma corda áspera e um nó corrediço...

Pelo odio dos homens; a covardia dos demais e pelo nosso silencio...

Antes e depois outros corpos seguiram balanceando-se nas forcas assassinas e nós calemos...

Continuaremos silenciando?

Minha consciencia grita — não!

Já não seremos por mais tempo cúmplices de uma sociedade que mata e persegue aos seus melhores homens; aos que, em vez da espada esgrimem a verdade.

Eu sei, minhas queridas irmãs, que o nosso coração é uma caudal de bondade; e que nosso cérebro, tantos séculos adormecidos, despertará...

E então teremos o dever de pensar; e bem sabemos que aquele que pensa deixa de ser escravo.

Estrai-te-mo-nos as mãos e os corações antes de empreender a marcha para a libertação.

E assim um dia diremos: Irmãos Fisher, Spies, Parsons, Engel e Lingg, a vossa semente germinou!...

Buenos Aires — CONCEPCION FERNANDEZ.

### CONFERENCIA NA LIGA ANTICLERICAL DE CAMPINAS

Relembrando a tragédia de Chicago, a Liga Anticlerical de Campinas fará realizar, no dia 1.º de Maio, na sua séde social, uma sessão comemorativa.

Foram convidados dois oradores de São Paulo — J. Carlos Boscolo e Pedro Catalo, nossos camaradas, que farão sobre os seguintes temas: O PROLETARIADO E A QUESTÃO SOCIAL — J. Carlos Boscolo e SIGNIFICADO HISTORICO E SOCIAL DO 1.º DE MAIO, por Pedro Catalo.

ENTRADA FRANCA.

## O NOSSO CONTO

# A Cidade das Almas Adormecidas

por FELIX LAZARO

Só a imaginação humana, em sua louca carreira ascendente ás regiões do abstrato, pôde colocar a Eros na abrupta montanha em que se achava.

Sobre a base de sua cuspide se estendia, como alguma coisa enigmática e inexecravel, a Cidade das Almas Adormecidas, onde moravam os "homens".

E, assim, em perpetua intangibilidade, vivia Eros por espaço de muitos séculos á margem dos que o haviam criado.

Mas chegou um dia em que o deus do Amor se transformou de divino em humano, e disse a seu coração:

— Estou cansado de minha solidão e destas alturas; quero descer até os homens e saber de que maneira vivem. Já é hora, seguiu dizendo, de que a mitologia divina criada pelos gregos conheça algo que seja relativo ao mito humano universalizado.

E Eros, com passos firmes e longos, foi descendo da montanha até chegar ante as portas da grande Cidade das Almas adormecidas. Sobre o pórtico havia uma inscrição, em que se lia: "Europa, Asia, Africa America e Occidentia".

— Ah! gritou Eros e as portas se entreabriram.

O Tempo (um anão de longas barbas prateadas) fez a sua aparição naquele momento e perguntou-lhe:

— Que buscas entre os que dormem?

— Busco aos homens. Que me dizem deles?

— E que poderia eu dizer-vos? Entrai e poderis apreciar como vivem, já que a isso chamam viver.

O Tempo abriu as portas, par a par, e Eros em companhia do anão, pôde penetrar no interior da Cidade das Almas Adormecidas.

Um odor humido, penetrante, semelhante a infinidade de gerações reduzidas a pó se percebia por todas as ruas e praças.

Sobre a base de um magnifico mausoléu, que servia de pedestal á figura de um herói morto em holocausto á pátria, jazia cravado um enorme ataudó.

— O que contém esta caixa? perguntou Eros ao Tempo.

— Os restos das civilizações passadas — respondeu aquéle.

— Das civilizações passadas?

— Sim, isto é, dos homens que segund'elles, trouxeram as primeiras luzes á Humanidade.

— Falaste de luzes resplendentes?...

— Sim.

— Não compreendo. Minha vista é muito aguda e não obstante, em derredor, só vejo luzes extintas. Porém, vejo-mos — insistiu de novo, Eros —

— Quem dirigiu o Destino dos povos na antiguidade?

— Sacerdotes, reis e imperadores. Que outros personagens poderiam faz-los? Eles legaram ás gerações futuras paginas brilhantes para a História, nas

quais as grandes conquistas de povos e continentes inteiros sucediam-se umas ás outras com prodigiosa rapidez. A antiguidade — seguiu dizendo o Tempo — foi pródiga em heróis. As condecorações choviam sobre os peitos dos reis e imperadores como uma coisa prodigiosa.

Calcou-se o Tempo. Eros, entretanto reflexionava sobre o que ouvia. E, finalmente, inclinou-se sobre o ataudó e, levantando a tampa, pôde examinar o interior.

Uns, túnicas e metais preciosos se confundiam em u'a massa compacta, porém, o que mais chamou poderosamente a atenção de Eros foi um montão de corónas reais, cetros, cruzes oficiais e outras muitas condecorações de Estado que haviam sobre um angulo da caixa.

E á vista de tantos ornamentos pediu ao Tempo que o conduziu a outros lugares menos silenciosos, porque ali começava a aborrecer-se. Acedeu o Tempo; porém no momento em que se dispunham a abandonar o lugar, um irradiação sacudiu violentamente o ataudó, despejando-o.

E produziu-se uma coisa assombrosa, imprevisita.

Do interior daquele montão enorme de despojos saíam, em estrepitosa sintonia, gritos agudos, queixas, risadas de loucos.

Por debaixo dos escudos, corónas e demais armamentos governamentais corria um caudaloso rio de sangue humano, e, por entre o sussurro das agulhas rubras, percebiam-se mães desesperadas, um rumor surdo que era todo um poema de dor humana.

— Que significa tudo isto? — perguntou Eros aterrorizado.

— Significa o fruto, o resultado de todas as conquistas, de todas as vitórias do homem sobre si mesmo — respondeu o Tempo.

E Eros disse ao próprio coração:

— Onde os homens só vêem louros e vitórias eu vejo, unicamente, crimes.

Fecha esse ataudó — continuou, — que só os a e horrores contém, e deixemos os nossos antepassados dormindo eternamente, já que nos legaram, ômente, obras defeituosas e monstruosas crimes.

Sigamos ao lugar, donde existem os homens vivos, se é que ainda existem nesta silenciosa cidade.

Passados instantes, achavam-se ambos ante enorme edificio, onde u'a multidão

informe movia-se ao compasso de um ritmo extranho. Maquinas, muitas maquinas; buzinas, fábricas, ateliers, homens, coisas: tudo se confundia naquêle local em continuo tropel.

E o Tempo, dirigindo-se a Eros, disse-lhe:

— Eis aqui os que vivem, os homens atuais. Vivem em sociedades dirigidas por um Estado.

— E o que significa e representa isso para o povo?

— Verás: o Estado é uma instituição governamental que tem por única missão dirigir os homens a seu modo. Cada nação tem um Estado que a governa, e cada Estado, por sua vez, tem a seu serviço um determinado número de funcionários que, por meio de leis, decretos e impostos elaborados pelos mesmos, sancionam, á sua maneira, os atos dos demais mortais.

— E são justas essas promulgações mediante as quais o Estado rege a vida dos demais homens?

— Nada, em absoluto, do que faz o Estado é justo — respondeu o Tempo. — O Estado dividiu os homens em povos, raças e classes; o Estado tem traçado linhas politicas sobre a Terra para dividi-la em regiões, nações e outras miudezas da mesma especie; o Estado, afinal, tem semeado a desgraça entre todos os seres do Universo, porque usou para a defesa dos seus interesses capitalistas gentes armadas. Os técnicos, os catadriáticos, homens de ciência, de todas as profissões em geral, também se acham ao serviço do Estado e o defendem á capa e espada, porque, tal e mo os ministros, participam das prebendas subtraídas ao povo. Porém, ha um setor entre os profissionais da pena

ao serviço do Estado e das empresas, que é o mais desprezível de todos: é o jornalista. O jornalista — continuou o Tempo — põe a pena a serviço do que mais paga; molha sua pena no tintureiro de todas as insidias e compõe umas folhas, as quais dão o nome de "jornais".

A dignidade, a honra e tudo o que ha de bom no ser humano, resulta sendo para o jornalista profissional de empresas algo assim como um jogo de palavras.

Calou-se o Tempo, como se estivesse fatigado pela sua longa peroração. Eros reflexionava. Olhando com tristeza aquêle montão de carne sem cérebro que tinha antes os olhos e abismou-se em profundos pensamentos.

No interior de um dos edificios que se denominavam "fabricas" trabalhavam desesperadamente crianças, mulheres, homens, anciãos, todos áes roídos pela anemia e a tísica e um sem fim de enfermidades que os iam consumindo paulatinamente. E a ciepcia médica, senhora do segredo de que todas estas enfermidades que aniquilavam a toda uma raça eram o produto e consequencias, da miseria e da imundície em que se desenvolviam estes párias, calava-se como uma prostituta subordinada pelo ouro estatal.

E aquêles infelizes de nada protestavam.

— Olha a classe proletária como vive — disse o Tempo a Eros.

— Estes párias não vivem — respondeu este — São almas adormecidas, as quais é necessário despertar á força de grandes revoluções e sacudidas violentas, para que aprendam a ouvir com os ouvidos, da alma e a ver com os olhos do espirito. E só quando isto chegar é que se haverão libertado do jugo a que estão ungidos desde muitos séculos.

— Vai-te — ordenou Eros ao Tempo. — Já não te necessita.

E o anão desapareceu.

Uma ternura, uma dor, uma angustia infinita invadiu o coração do deus d' Amor. Quanta dor humana! Quanta miseria humana tinha ante os olhos!

Algo original, estranho, impetuoso, desgarrador, cruzou pela alma de Eros porque subitamente, arrancando forças increíveis de tod' o seu ser, pôde-se a gritar ás multidões irredentas:

— Ouvi-me, almas adormecidas! Já é tempo de que o homem desperte de seu pesado sono a cial! Sim, despertai, proletários do mundo! Sabeis quem

é o vosso inimigo mais terrível? Vosso inimigo mortal é o Estado: Destruí-o. All, onde termina o Estado: começa a liberdade do homem. Destruí todas as instituições arcaicas, e no lugar das mesmas construí outras novas que estejam mais em harmonia com a vida! Destruí todas as fronteiras politicas, que os Governos traçaram sobre a terra e universalizai vossa lingua e vossos sentimentos patrióticos! Fazei da Terra uma só patria! E, abraçados em universal abraço, ide rumo á conquista de vossas liberdades!

Mas o Estado, que tal como o povo escutava a energica arenga, vendo que as multidões se levantavam da grube em sentido revolucionário, dirigindo-se aos proletários lhes falou assim:

— Esse homem que acaba de falar é um falsário, um "perturbador da ordem", um agitador: Não o acrediteis. "Eu, o Estado, sou o povo", mantenho a ordem e distribuo equitativamente a justiça, a educação e o trabalho entre os cidadãos; a cada qual dou o que merece.

— O Estado — replicou Eros dirigindo-se ao povo, que continuava na mesma attitude revolucionária — mentiu-vos pela última vez. Disse-vos que "é o povo"; porém, este povo, do qual é o seu mais genuino representante, não é o vosso, proletários.

A quem representa o Estado é ao "povo" dos banqueiros, dos capitalistas, dos grandes usurpadores, enfim ao povo da iniquidade. Destruí o Estado proletários, se queeis ser livres!

As palavras revolucionárias, axiomaticas, do deus do Amor tinham caído como a força de um raio sobre o coração da "chusma", da "canalha", dos "miseráveis", no dizer dos poderosos.

E o povo, até então adormecido pelas serenas do Estado, ardeu em anseios revolucionários.

Já não eram escravos submissos, já não eram as "almas adormecidas", era, sim, um povo de proletários, aos quais o verbo rebelde, dinâmico, consciente, de Eros, tivera a virtude de fazer levantar a cerviz e olhar frente a frente os seus opressores.

— Queremos, exigimos Liberdade! — gritou, finalmente, o povo em attitude decisiva.

E sobreveiu a "chispada".

Era a revolução!

Hosanna!!!

Cambaleava o Estado!

Juízes, advogados, ministros, imperadores, reis, todos correram em socorro do Estado ante um perigo tão imminente. Porém tudo foi inútil!

Corónas, cetros de ouro, potestades, papas, reis, ministros, instituições, tudo caiu rolando p'r terra ante a pressão sacrosanta da Revolução Social.

Afinal, o Amor havia triunfado entre os homens. O bem havia vencido o mal. Bendita hora!

..... Não achas, leitor, que este conto ainda pôde tornar-se história?

# Lembrando os nossos martires

**A LEMBRANÇA DAS VITIMAS DO OYAPOCK, ARRANCADAS AO NOSSO CONVÍVIO PELA REACÇÃO BERNARDESCA, DEVEM SERVIR DE ESTÍMULO AOS QUE LUTAM PELO IDEAL DA LIBERDADE**

# A PLEBE

S. PAULO 28 de Abril de 1934

## No Rio de Janeiro

Faleceu Pedro Matera, ex-diretor do O Clarim da Liberdade, da escola 1.ª de maio e sincero libertário.

Morreu a 14 de abril, às 11 e 30 da manhã. Quando entrou em agonia no hospital da S. C. de Misericórdia, tomando-lhe a mão o padre, quiz ministrar-lhe os sacramentos da igreja romana; Matera recusou e disse que "estava farto de palhaçadas, queria morrer como nasceu, sem aparato e sem religião". Foi na hora da morte coerente com as idéias libertárias, pediu que a sua família não fizesse luto e nem gastasse com missas ou outros quaisquer ritos.

VIANA.

J. PINTO

18-4-934.

## Aos estudantes

Irmãos Estudantes: Nestes momentos em que os acontecimentos se sucedem uns aos outros para o curso da história do povo, os párias, os camponeses, os operários de braços abertos, não para que entre nós haja odios e distâncias mas para levarmos a cabo, nós com o cérebro e o saber e nós com os músculos e o trabalho a grande obra da reconstrução social. Não vos deveis envergonhar de apertar as nossas mãos calosas, não temais sujar-vos com o barro das nossas roupas, porque esse barro não mancha, esse barro é vida. Não tapéis os vossos ouvidos aos clamores do povo faminto que pede justiça. Abri os vossos corações aos nossos anseios de liberdade. O camponês, que trabalho e sofre, realiza pelo trabalho o vosso conforto e a vossa vida. As suas blusas azuis, em trapos muitas vezes, constituem a garantia da vossa subsistência. Vós, com o vosso saber, com os vossos conhecimentos, deveis procurar iluminar-nos a senda da vida, en-

vez de vos prestardes a instrumentos de tirania. Não permitas que os vossos colegas se infiltrem nos centros operários para mistificar os trabalhadores. O integralismo, vós o sabeis, é um instrumento de opressão da burguesia, nos extertores da sua ruína total. E vós não deveis ser integralistas, essa forma odiosa de fascismo que por aí anda a querer infiltrar-se nas massas produtoras, para enganar os operários, mistificar-os e por-lhes o freio na boca.

Não, irmãos estudantes: vós deveis servir à liberdade. O fascismo é um regime negro de terror, em que os tiranos oferecem pão e dão metralha, prometem liberdade e dão cárceres, e em que, baseada a sede de vingança essa clericalinha negra, perseguindo, deportando e massacrando o livre pensador. Se algum dentre vós, estudantes, duvidar disto, basta ver como Mussolini e Hitler não procederam em Itália e na Alemanha, com a cumplicidade do capitalismo. Vós, estudantes, deveis oferecer o pão espiritual aos que vos dão o pão material; pensar nos que por falta de meios não podem ir como vós, à Escola quando criança e quando maiores à Universidade.

Nós, os camponeses e operários orgulhar-nos-hemos se um dia os nossos martelos e os nossos arados, unidos aos vossos livros e aos vossos pensamentos se encaminharem para a ciência da nova vida livre, que nós, os párias, construímos pedra por pedra, e vós, os sábios, embelezareis com o vosso saber, a vossa arte e os vossos conhecimentos.

Só assim será possível a harmonia social!

Ribeirão Claro UM CAMPONES

## A CONSCIENCIA REVOLUCIONARIA CONTRA A PREPOTENCIA BURGUESA

Nos jornais de 21 do mês passado encontramos este expressivo telegrama, que bem demonstra o valor da consciencia revolucionaria:

"Arruaças por causa no julgamento de um professor anarquista"

BORDEUS, 20 (H.) — O professor anarquista Maunay compareceu hoje perante o tribunal correctional, sob a acusação de incitamento ao assassinio e de propaganda anarquista. Na ocasião do julgamento numerosas pessoas, entre as quais centenas de alunos seus, manifestaram diante do Palácio da Justiça, reclamando veementemente que lhes fosse restituído o seu mestre.

O tribunal adiou o julgamento. A saída de Maunay deu lugar a novas manifestações. Carregado pelos seus correligionários anarquistas, o professor quiz discursar mas a policia não consentiu. As manifestações degeneraram em desordens que não tiveram, todavia, consequências graves.

## DIA 26 DE MAIO

### FESTIVAL PRÓ "A PLEBE"

Com este numero extraordinario de "A Plebe" aumentou naturalmente o deficit que o nosso balancete vem acusando ha tempos.

Quizemos com o presente numero comemorar o 1.º de Maio e não seria este obstaculo a razão de o não fazer.

Sempre os amigos do jornal tem prestado o seu apoio material e moral a obra que vimos realizando e ainda desta vez não faltarão com a sua solidariedade.

Para isso, para cobrir os gastos feitos com o numero extraordinario, realizar-se-á um festival pró "A Plebe", organizado pelos amigos do jornal e pelo Grupo Terra Livre, no dia 26 de maio proximo, no Salão Celso Garcia, sito á rua do Carmo, 25.

Publicaremos o programa no proximo numero.

Pela mente de todos os que se batem por um ideal de liberdade e que ao serviço da causa põem as suas energias físicas e intelectuais, deve passar com a lembrança dos martires de Chicago, um freio de horror e de indignação ao lembrar-se que das regiões inhospitas e pestilentas da Clevelândia, do tragico Oyapock chegam até nós os gemidos das vítimas que lá encontraram a morte.

Vítimas de um tirano que na sua frente reacionaria terá sempre o ferrete estigmatizador dos seus crimes, esses bons companheiros, todos inocentes, deixaram entre nós magnificas páginas de abnegação e de amor, de idealismo fecundante e de acção revolucionaria.

Nomes que nos são queridos pelas horas de companheirismo, de estudo e de luta que tivemos juntos, reivindicamos para nós a gloria da sua morte.

Anolada no sangue de todas as suas vítimas, a burguesia de todo mundo se debate na agonia dos seus ultimos extertores.

Não impediram as forças, as execuções sumarias, os desterros e os aniquilamentos pela fome que o capitalismo estendeu por toda a face da terra o avanço da avalanche que a golpes de camarielo vai destruindo o passado e abrindo a estrada do Porvir.

Para cada vítima que tomba na luta pela liberdade, dezenas de idealistas disputam o lugar para morrer dando vida á ideia e alimentando o facho da consciencia a iluminar as consciencias.

Assim foi no passado, assim é no presente e assim será enquanto na terra não estiver estabelecida a unica forma de organização que pode garantir a cada individuo a propria felicidade, condição essencial para a felicidade comum — o comunismo libertario, onde não haveria explorados nem exploradores, mas seres imunados pelo amor e pela solidariedade.

Comemorando a tradicional e sempre gloriosa data de 1.º de Maio que lembra uma das maiores e mais admiráveis victorias do proletariado internacional contra a exploração burguesa e capitalista, — não deixarmos de incorrer numa falta imperdoavel, se, dentre a legião dos martires da causa da emancipação da humanidade, de cujos atos heróicos hoje nos lembramos, — não incluíssemos, também, as vítimas do Oyapock, na Clevelândia, Pedro Augusto Mota, ex-redactor d' "A Plebe", natural da Terra da Luz, do Ceará; José Maria Fernandes Varela e Nino Martins, ambos graficos e riograndenses, também colaboradores de "A Plebe"; Nicolau Parada e José Alves do Nascimento, este brasileiro, residente no Rio e aquêle hespanhol, ambos garçons, á frente de cuja classe desenvolviam as suas actividades revolucionárias, todos os quais constituíam um pagão de bravos camaradas nossos, que aqui viveram e moureraram conosco, sempre destemidos e leais, trabalhando com entusiasmo e dedicação pela causa da revolução social.

A policia de São Paulo, que não podia ver-nos com bons olhos — logo após a retirada das forças revolucionárias desta capital, em 1924, recuperando o

gabinete da rua 7 de Abril e os postos de tortura, como o de Cambaí, de tão triste memoria — lançou-lhes as garras ferózes, transcendendo-nos num de seus p. stos e depois, aproveitando-se do momento de reacção, mandou-se para a Clevelândia, no Oyapock, região pestilencial e mortifera, onde pagaram com a vida a sua dedicação pela causa da redenção humana.

Inocentes, embora, foram levados na voragem aberta com a repressão terrível e feróz imaginada pelo ex-presidente Bernardes, que não contente com a chacina resultante do bombardeio de São Paulo, concebeu ainda a terrível ideia de transformar a colonia da Clevelândia, no Oyapock, em presidio politico, onde sucumbiram centenas de seres humanos.

Salve, camaradas vitimados na Clevelândia!

Na data de hoje, ao comemorarmos os martires de Chicago, nós vos relemos, também, sincero e significativo culto de admiração e respeito, cheios de saudade.

Salve! pois, heróicos paladinos da liberdade!

J. PINTO

18-4-934.



PARLAMENTARISMO: a ultima cidadela da burguesia

### A HISTORIA SE REPETE

Após este longo periodo de tempo e de eloquência, que é que nos legaram, em suma, os oráculos da Tribuna parlamentar? A vida dum centenario não bastaria para percorrer os quilómetros de discursos que trem enchido as colunas dos Diários das Sessões. E quando se chegasse ao fim desta imensa leitura, que beneficio se teriam encontrado? Onde está o problema que os oráculos resolveram penetrar a fundo? Onde estão as soluções que lhes souberam apresentar?

Os oráculos da Tribuna parlamentar passaram três quartos de século a tormentar questões até que elas se esquecessem, ou, mais exacto, até que caíssem, como cairam, as muralhas de Jericó sem idéias e sem principios, e sem procurarem mesmo introduzir-lhas, porque evidentemente, elles não podiam fazer outra coisa além de as agitar em vão e sob o ponto de vista dos partidos, das suas paixões e dos seus interesses de classe. E o mais bonito é que estamos ainda hoje a espalhar detalhadamente a sofistica de que elles estavam imbuídos, isto é, os preconceitos do bom-senso de que elles se fizeram tão não principios da Revolução e que foram apandágo das nossas três primeiras Assembleias.

Vê-se, por conseguinte, que todos estes burgueses solenes consagraram á sua actividade um trabalho de esquilos. Que é que resta deles? Seus nomes próprios, que foram lemas para os seus contemporâneos, são hoje, apenas, conhecidos das gerações que os seguem. Quem fala do sr. Mangin e quem é que se lembra do sr. Aime? Estas três ou quatro comadras de importantes personagens dormem, no presente, no esquecimento, naquella esquecimento os seus pálios successores serão enterrados amanhã...

(Las Assembleas Parlantes, pág. 300)

E. LEVERDAYS

## DIA 31

O proletariado que se congrega em torno da Federação operaria de São Paulo vai ter, no dia 31, á noite, no salão Celso Garcia, Rua do Carmo 25, — mais um grande festival de confraternização proletaria.

Mais que um festival, será uma afirmação de principios, porque é um ato comemorativo dos martires de Chicago.

### PROGRAMA:

- 1.ª Palestra alusiva á tragedia de Chicago.
- 2.ª Representação da peça de Pedró Gori — 1.º D EMAIO.
- 3.ª Ato variado.

Os ingressos podem ser procurados nas sedes dos sindicatos, e na redação de "A Plebe", á Av. Rangel Pestana 251 — (antiga Lad. do Carmo 9).